

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL



prisão. Disse que ele "era muito correto; quando precisava aumentar a área da fazenda, ele comprava." O Sr. Noreto de Souza contou ao depoente que não sofreu mais porque era maçom, e foi ajudado por uns graduados do Exército. O Sr. Noreto de Souza não disse que tipo de sofrimento passou. Os terroristas também davam muita assistência ao pobres da mata. Acha que os terroristas tinham esperança de socorro externo, pois não se entregavam. O povo diz que alguns foram presos com vida. O combate aos terroristas pelo Exército "foi um movimento bonito", pois era tudo grandioso. Informa que encontrou na sua fazenda, na área que serviu para a base militar, um grande buraco, de aproximadamente 4 metros por 5 metros, e 3 metros de profundidade. Parecia ter servido de prisão. Tinha outros buracos, mas não pareciam ter sido prisões. O Exército deixou muitas casas de madeira na sua fazenda, que foram doadas ao depoente. O depoente usou-as por um tempo, depois derrubou-as. Havia muito treinamento de tiro, com as balas passando raspando na sede da fazenda. Referiu que a Sra. Zélia, que mora no centro, na Rua Benjamim de Azevedo, tem mais informações. O depoente autoriza o Ministério Público Federal a ingressar em suas terras e, se necessário, realizar escavações. Nada mais havendo, lido e achado conforme, segue assinado pelos presentes.

Depoente

MARLON ALBERTO WEICHERT
Procurador da República

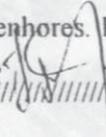


MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

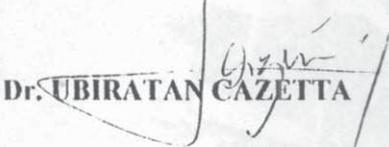
TERMO DE RECONHECIMENTO DE FOTOGRAFIAS

Aos treze dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presente os Procuradores da República, **Dr. UBIRATAN CAZETTA** e **Dr. MARLON WEICHERT**, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, a **Sra. RAIMUNDA RODRIGUES DOS SANTOS**, brasileira, casada, lavradora, filha de Hilário Rodrigues da Silva e Rosa Siqueira de Araujo, residente e domiciliada na OP1, Município de São Domingos do Araguaia, e na ocasião lhe foram apresentadas as fotografias anexadas a este termo e fez o **RECONHECIMENTO** das seguintes pessoas:

- **Fotografia número 1** - "A"-PEIXINHO; "B"-JORGE; "C"-Tenente LIMA; "D" - ZÉ FININHO (morador); "E"- Sargento SALSA; agachados à direita - PIAUÍ, à esquerda - ANTONIO DE PÁDUA COSTA (Antônio Babão);
- **Fotografia número 2** - ampliação de parte da fotografia 1 - confirmou o reconhecimento de PIAUÍ (à esquerda) e ANTONIO DE PÁDUA COSTA (Antônio Babão) à direita.

Como nada mais a constar, os Senhores Procuradores mandaram encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu,  Joalice Corrêa P. Garcia, Técnica Administrativa da PRM/MAB, que o digitei.//

Sra. RAIMUNDA RODRIGUES DOS SANTOS


Dr. UBIRATAN CAZETTA

Dr. MARLON WEICHERT



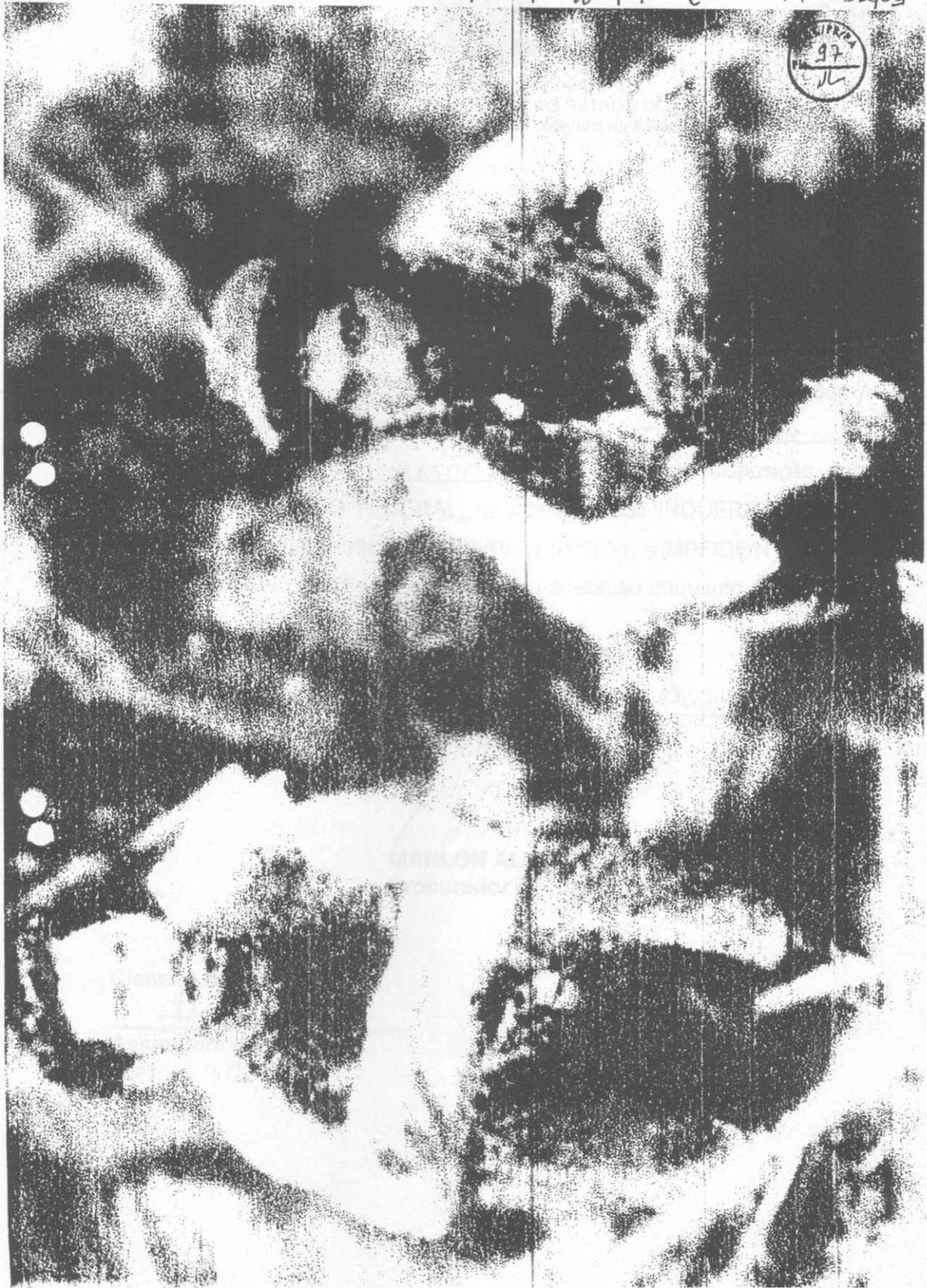


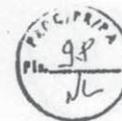
Fotografia no 1

96
12

I
M
I
C
B
A
A

Fotografia nº 2 - de habita da foto 1





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
 PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
 Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

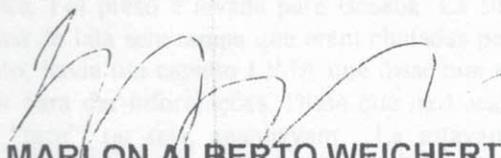
Ilustríssimo Senhor

NOTIFICAÇÃO

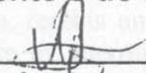
Pela presente fica Vossa Senhoria notificado(a) de que a área demarcada nessa propriedade DEUCMINAOWA FAZENDA PAZ E AMOR está à disposição do MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/N 03/2001, MPF/PA/N 01/2001, e MPF/DF/N 05/2001, não podendo ser objeto de modificação ou alteração enquanto durarem os trabalhos.

São Domingos do Araguaia, 14/8/01

Local e data


MARLON ALBERTO WEICHERT
 Procurador da República

Ciente e de acordo


 Assinatura e Identidade

R.G. 99.643.912 5



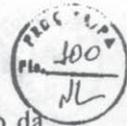
MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: RAIMUNDO NONATO DOS SANTOS

Aos quatorze dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presente o Procurador da República, **Dr. MARLON ALBERTO WEICHERT**, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, o Sr. **Raimundo Nonato dos Santos**, vulgo "**Peixinho**", brasileiro, casado, lavrador, nascido em 15 de setembro de 1940, filho de Domingos Viana dos Santos e Júlia Conceição dos Santos, residente e domiciliada na Fazenda Fortaleza, São Domingos do Araguaia. Indagado, o declarante prestou as seguintes declarações: QUE conheceu ZÉ CARLOS, na região da Fazenda Fortaleza, acreditando ter sido o primeiro camponês contatado pelos guerrilheiros. No início não aceitou ir para a mata com eles, tendo preferido ficar na sua casa, mas passando informações para o Guerrilheiro: "como dedo-duro deles". Não lembra quando foi isso. Depois das primeiras derrotas do Exército imaginou que quando os militares voltassem a repressão seria dura: "ia sobrar taca pra todo mundo". De fato, LUIZ GARIMPEIRO, vizinho do depoente, logo foi preso, o que levou o depoente a ir para a mata com o guerrilheiros. LUIZ GARIMPEIRO estaria vivo e moraria, segundo informação do povo, em Xinguara. QUE ficou um mês e quinze dias com o povo da mata. Saiu então para visitar sua esposa, Raimunda. Não quis porém voltar para a mata e foi se esconder na região de Santa Rita, "com o povo de minha mulher". Pegou então dois alqueires de terra da fazenda de Nonato Queiroz para plantar arroz. No entanto, Nonato Queiroz o denunciou para o Exército. Foi preso e levada para Bacaba. Lá sofreu a tortura das latinas, qual seja ficar em pé em cima de lata sem tampa que eram chutadas pelos militares e das quais se caísse apanhava. No entanto, havia um capitão LIMA que disse que não era para judiar com o depoente, pois ele iria servir para dar informações. Disse que na Bacaba havia um local onde ficava os presos que levam "taca", ou seja, apanhavam. Lá estavam seu sogro, Luiz Garimpeiro, Raimundo das Moças, Pedro Loca, dentre outros tantos. No entanto o depoente foi levado para o local dos que não apanhavam. Passou a "andar na mata" com o Exército, ou seja, servindo de guia. Inclusive levava o Exército nos acampamento que conhecera nos quais já não eram mais habitados. Uma vez encontram os guerrilheiros EDINHO e DUDA: houve confronto e EDINHO levou três tiros, do Capitão SALSA, também conhecido como Anibal e do Soldado ~~Ataide~~. Não houve confronto, pois Edinho e Duda não atiraram no soldado. O depoente, como guia, recebia uma espingarda 20 do Exército, mas tinha orientação de se jogar no chão quando visse os guerrilheiros. O depoente disse que nunca atirou, embora outros guias, que queriam mostrar valentia e serviço, também atirassem. Os guias normalmente recebiam um revólver 38 do Exército para uso pessoal, mas como o depoente era ex-guerrilheiro, não foi merecedor dessa

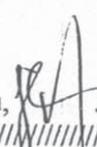
Rua Domingos Marretiros, 690 - Umarizal - CEP. 66055-210 - Belém/PA

Endereço eletrônico: prdc@pupa.mpf.gov.br - Tel: 0XX91 242-1057 - Fax: 0XX91 222-1543 - 212-1244



confiança. O depoente tinha um apelido no âmbito do Exército, para que se chamado dentro da mata não fosse identificado pelos guerrilheiros; o apelido era "Barra Preta". Após a prisão nunca mais viu DUDA ou EDINHO, que apesar de baleado estava vivo. foi posto numa padiola e levado num helicóptero. O confronto foi na cabeceira da Borracheira, na direção da Fortaleza. O DUDA estava desarmado, mas o EDINHO carregava uma espingarda pelos próprios guerrilheiros, que tinha o apelido de "Zezina". Que andou mais de um ano com o Exército até ser solto, tendo topado só uma vez com os guerrilheiros. Disse que em algumas ocasiões, propositadamente desviou dos guerrilheiros, para não entregá-los ao Exército. Disse que a CRISTINA foi presa perto de um local chamado "Grotta da Sônia", em homenagem a uma outra guerrilheira que gostava muito daquele lugar; QUE quando viu a CRISTINA, que estava desarmada, ainda fez sinal para que ela fugisse; no entanto, outra equipe já vinha cercando, a qual estava sendo guiada pelo TAVEIRA. O soldado SILVA atirou na CRISTINA, que morreu na hora. O Comandante da operação chegou a criticar o soldado porque a guerrilheira estava desarmada e podia ser pega viva. O corpo da CRISTINA foi deixado largado, não foi enterrado e nem retirado nenhum pedaço para identificação. Nessa ocasião foi tirada a foto que foi objeto de reconhecimento anterior pela Sra. RAIMUNDA RODRIGUES DOS SANTOS. Disse que PIAUÍ, guerrilheiro que foi preso, foi forçado a andar com o Exército. Prometeram que se mostrasse um depósito seria saldo. No entanto, mostrou apenas acampamento vazios. PIAUÍ andou cinco vezes na equipe do depoente; Nas duas primeiras missões andava e dormia amarrado, mas depois passou a permanecer solto, dizendo o depoente que por influência sua. Quando foi a sexta missão disseram que PIAUI não iria e a partir de então o depoente nunca mais soube dele: "ninguém falava mais nada". ANTONIO BABÃO era um camponês de São Domingos e Palestina que também aderiu a guerrilha. Foi preso e também forçado a andar com o Exército. Consta que ANTONIO BABÃO não foi morto pelo Exército, embora o depoente não tenha sabido de seu paradeiro após a guerrilha. ANTONIO BABÃO também jamais levou o Exército a um depósito, mas só a acampamentos vazios. Esclarece que a morte de CRISTINA ocorreu cerca de dois meses após a prisão de DUDA e EDINHO. Contou que PEDRO CARRETEL – outro camponês que havia aderido a guerrilha – foi preso por uma equipe que andava com ZÉ CATINGUEIRO e ferido por um tiro do próprio ZÉ CATINGUEIRO. Na mesma ocasião, NELITO, outro guerrilheiro, "foi naufragado", ou seja, morto. ZÉ CATINGUEIRO contou para o depoente que PEDRO CARRETEL lhe teria ameaçado de morte quando fosse solto; dessa forma ZÉ CATINGUEIRO foi reclamar junto ao Comandante, que teria determinado a morte de PEDRO CARRETEL. Não sabe informar qualquer lugar de sepultura, pois tudo era mantido em sigilo. A operação que resultou na morte de NELITO e prisão de PEDRO CARRETEL foi comandada pelo Capitão RODRIGUES. Durante o período que ficou a serviço do Exército não recebeu nenhuma remuneração. Que acerca de seis meses atrás sua filha Rosinha que mora no Brejo Grande disse ao depoente que o Sr. VELOSO que tinha um restaurante na Bacaba e que serviu ao Exército mandou avisar ao depoente que ele tinha direito a um dinheiro do Exército. Para isso precisaria passar lá no 8(oito) da Transamazônica, referindo-se ao agrupamento do Exército. O depoente não foi, pois teme que na verdade acabe levando mais "taca". Disse que seu tio PEDRÃO que foi preso pelo Exército foi levado amarrado e pendurado fora do helicóptero de Bacaba até Marabá. Passamos então a fazer a identificação das pessoas que aparecem na foto 1 antes referida: linha em pé: primeiro da esquerda para a direita: letras em vermelho: o primeiro(A): GELSON; o segundo(B): não identificado; o terceiro(C): TAVEIRA, também conhecido como "Calango"; o quarto(D): o DEPOENTE; o quinto(E): TROSOBA(guia); o sexto(F): Capitão LIMA; o sétimo(G): ZÉ FININHO(guia); o oitavo(H): não identificado; o nono(I): Capitão SILVA; o décimo(J): Capitão SALSA, também conhecido como ANÍBAL; décimo primeiro(L): ATAÍDE(soldado); agachados: (1) PIAUÍ; (2) ANTÔNIO BABÃO. (Nota do Procurador: Durante a identificação o depoente mudou várias vezes a identificação, o que não permite confiar plenamente nas identificações feitas). Como nada mais declarou, o Sr. Procurador

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL - PRDC/PA

mandou encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu,  Joalice Corrêa P. Garcia, Técnica Administrativa da PRM/MAB, que o digitei.//

PRDC/PA
Fls. 101
NL



Sr. RAIMUNDO NONATO DOS SANTOS

Dr. MARLON ALBERTO WEICHERT



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: PEDRO MATOS DO NASCIMENTO

Aos quatorze dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presente o Procurador da República, **Dr. MARLON ALBERTO WEICHERT**, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, o Sr. **PEDRO MATOS DO NASCIMENTO**, vulgo "**Pedro Mariveti**" brasileiro, casado, comerciante, nascida em 22 de setembro de 1939, filho de Maria Matos do Nascimento, portador da CI 299258 SSP/MA, residente e domiciliada na Tv. José Ferreira, 33, São Domingos do Araguaia. Indagado, o declarante prestou as seguintes declarações: Que na época da guerrilha tinha aproximadamente 33 anos e era proprietário de umas terras entre Vila São Domingos e Vila Bom Jesus, que já não existem mais. Quando comprou a propriedade em julho/1971 moravam nas terras um grupo dos "paulistas". Lembra o PIAUÍ, EDINHO e VALDIR. Eles tinham, inclusive uma vendinha nas terras. Em novembro de 1971 eles foram embora para a região de "Chega com Jeito". Em abril de 1972 ocorreu a primeira ação do Exército. Logo após o término da primeira campanha, o depoente recebe a visita de PIAUÍ, JOÃO ARAGUAIA e SONIA. O depoente aproveitou e levou SONIA para ver um vizinho que estava com um ferimento na boca. SÔNIA recebeu um medicamento que terminou por curar o vizinho. Nesse dia PIAUÍ diria dito ao depoente "nós vamos morrer, mas nossa semente vai plantada aqui". Antes do Exército voltar em 1973 encontrou um outro proprietário de terras, Sr. EXPEDITO, que disse que estava com um problema com os homens da mata e pedia ajuda ao depoente. Foram então à casa de uma terceira pessoa, chamada CEDILHO, onde estavam ZÉ CARLOS, ZEBÃO, JOÃO ARAGUAIA, Seu ANTÔNIO e mais DOIS NOVATOS. Tiveram uma conversa e o depoente pediu para que os guerrilheiros não tomassem o revólver de EXPEDITO, o que era o motivo do pedido deste. Em outra oportunidade o depoente estava na lavoura quando viu e cumprimentou VALDIR, LANDINHO, BETO, NUNES e ALFREDO. Mais tarde eles retornaram e disseram que tinham assaltado o Posto Policial. O depoente deixou eles descansarem um pouco em sua casa e depois eles partiram. Foi a última vez que os viu. Em 04/10/73 houve a chegada do Exército para a última Campanha. O depoente estava em Imperatriz mas mesmo assim resolveu retornar com a sua família. Em 09/11/73 o Exército apareceu na casa do depoente, pois através de CEDILHO e EXPEDITO que já estavam presos souberam que o depoente conhecia os guerrilheiros, inclusive tinha intercedido junto a eles em favor de EXPEDITO. Foi preso, junto com seu vizinho AMÉRICO, e levado para a Delegacia de São Domingos onde pernitoitou. No dia seguinte foi levado para Bacaba onde registraram a sua prisão e depois, de helicóptero, o transferiram para a sede do DNER em Marabá. Lá prestou depoimento e ficou duas noites, foi então levado para a prisão da PM em Marabá, onde encontrou vários conhecidos; eram cerca de 90 presos. Após treze dias foi levado de ônibus e de madrugada para Bacaba onde ficou preso mais um mês, até ser solto. Declara que não foi torturado e acha que isso ocorreu porque falou a verdade. No entanto, relata que ouviu barulhos de pancadas e gritos, inclusive a esposa de PEDRO CARRETEL, que já era idosa, apanhou. Tinha lá no DNER um quarto que era só para tortura. Sabe que FREDERIDO, SIMÃO e ZUCA foram torturados e chegou a ver uma pessoa largada no

Rua Domingos Martins, 699 - Marabá - CEP 66055-910 - Belém/PA
Endereço Eletrônico: prdo@papa.mpf.gov.br - Tel: 085 91 243 1017 - Fax: 085 91 224 1445

Pedro

PRO... 414
Fls. 103
/6

chão. Quando estava preso na Bacaba, conversou com BABÃO, que era um guia do Exército, que disse que haviam matado o ARI e cortado a cabeça dele. O BABÃO disse ainda que na cabeceira da pista de pouso na Bacaba haviam ocorridos vários sepultamentos. Lembra de BABÃO ter dito que NELITO e uma JAPONEZINHA estariam enterrados lá. O depoente nunca mais viu BABÃO. Indagado se os moradores ainda sentem medo de falar do assunto disse que acha que isso não ocorre mais. Disse que quando SÔNIA foi morta ela estava acompanhada por um menino, filho de um camponês que havia ingressado na guerrilha; o depoente viu esse menino perambulando pelas instalações do DNER no período em que lá esteve preso. Disse que na Bacaba a área em que ficavam presos não era cercada e que ninguém fugia porque todos tinham medo. Ademais havia guardas por toda parte. Como nada mais declarou, o Sr. Procurador mandou encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, *Joanice* Joaice Corrêa P. Garcia, Técnica Administrativa da PRM/MAB, que o digitei.//

Pedro Matos dos Santos
Sra. PEDRO MATOS DOS SANTOS

Dr. Marlon Alberto Weichert
Dr. MARLON ALBERTO WEICHERT



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
 PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
 Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: VALDEMAR CRUZ MOURA

Aos quinze dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presente o Procurador da República, **Dr. MARLON ALBERTO WEICHERT**, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, o **Sr. VALDEMAR CRUZ MOURA**, brasileiro, casado, lavrador, não alfabetizado, nascido em 25 de dezembro de 1949, filho de Joaquim de Sousa e Maria da Cruz Moura, portador da CI 4319546 SSP/PA, residente e domiciliado na Rua Osvaldo Mutran, s/n, Apinajés, Município de São João do Araguaia/PA (encostado no colégio próximo as mangueiras). Indagado, o declarante prestou as seguintes declarações: QUE no ano de 1973 morava no lugarejo chamado "Pedra das Colher", Município de Xambioá, juntamente com seus pais e mais três irmãos; QUE seu pai era lavrador, em terra própria. QUE no dia 18 de junho de 1973 o seu pai, JOAQUIM DE SOUSA MOURA, conhecido por "JOAQUINZÃO", saiu para trabalhar, como de costume, e não mais retornou para a sua casa; QUE a partir desse dia nunca mais viu o seu pai; QUE a família por muito tempo procurou em saber o que tinha acontecido; QUE não conheceu nenhum guerrilheiro, nem nunca foram na sua casa; QUE o Exército chegou a ir várias vezes em sua casa, para fazer indagações, sobre o "pessoal da mata", mas o seu pai sempre respondia que não os conhecia; QUE acredita que o seu pai foi morto pelo Exército porque o seu nome conta do cartaz com os nomes das vítimas da guerrilha; QUE seu pai era uma pessoa muito conhecido da região; QUE naquela época fizeram várias tentativas junto ao Batalhão do Exército para tentar descobrir o que acontecera, mas nunca obtiveram informações sobre o ocorrido; QUE com o desaparecimento de seu pai, a família abandonou as terras, a casa e tudo o que tinham (porco, galinha, ovelhas, etc.) e foram embora para Araguaína, porque sua mãe ficou nervosa e não quis mais ficar na região; QUE sua mãe faleceu cerca de 6(seis) meses após o desaparecimento de seu pai; QUE acredita que seu pai está sepultado entre as "Praias das Colher e Xambioá". Como nada mais declarou, o Sr. Procurador mandou encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, *JG* Joance Corrêa P. Garcia, Técnica Administrativa da PRM/MAB, que o digitei.////

Sr. VALDEMAR CRUZ MOURA

Dr. MARLON ALBERTO WEICHERT

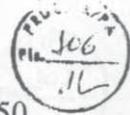


MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: SINVALDO DE SOUZA GOMES

Aos dezoito dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presentes os Procuradores da República, e **Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB**, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, o Sr. **SINVALDO DE SOUZA GOMES**, brasileiro, casado, motorista, filho de Raimundo Moreira da Silva e Alexandrina Bernardo de Souza, portador da CI 1.580.601 SSP/GO e CIC 315.295.181-72, residente e domiciliado na Chácara Seis Irmãos, no Km 35 da Transamazônica, município de São João Araguaia, podendo ainda ser contatado em Marabá na Rua Alquidar Contente, nº 1550, Velha Marabá, tel: 321-1997, em complementação às declarações prestadas em 13/07/2001 declarou: QUE há três anos (em 1998), o declarante esteve no Município de Parauapebas, na ocasião acompanhado pelo Sr. Paulo Fontelles, para visitar o SAG. SANTA CRUZ em sua fazenda localizada próxima da sede do Município, pois desejavam obter informações acerca das circunstâncias da morte do Sr. **ALFREDO CAMPOS**, sogro do declarante, por militares do Exército na época da guerrilha; QUE o Sargento SANTA CRUZ informou que não sabia o que tinha acontecido com o Sr. ALFREDO CAMPOS, visto que ele havia sido levado por outra equipe do Exército para a região do Caçador, onde teria sido morto; QUE durante a conversa, o filho do Sargento SANTA CRUZ, presente na ocasião, sugeriu que seu pai revelasse os fatos ocorridos naquela época, inclusive que mostrasse diversas fotos que registram a prisão de guerrilheiros e a ação do Exército; QUE o declarante, Paulo Fontelles e o filho do Sargento Santa Cruz, que parece se chamar BELCHIOR, foram até a cidade de Parauapebas para ver as fotografias; QUE as fotografias estavam na casa do filho do Sargento SANTA CRUZ, cujo endereço não sabe informar, mas que fica na parte central da cidade e que pode indicar pessoalmente a residência; QUE o declarante viu diversas fotografias, cujas as imagens estavam em "monóculos"; QUE as fotos registravam o seguinte: **foto 1** - um helicóptero conduzindo o guerrilheiro BETO que estava amarrado; **foto 2** - vários soldados armados na mata vigiando o guerrilheiro PIAUÍ e moradores da região como PEDRO CARRETEL, PEIXINHO e

Rua Domingos Alarcões, 690 - Umarizal - CEP. 66055-210 - Belém/PA
Endereço eletrônico: prdc@prpa.mpf.gov.br - Tel: 0XX91 242-1057 - Fax: 0XX91 222-1543 - 212-1144



outros, que estavam todos amarrados; **foto 3** – moradores da região, em torno de 50, todos em pé, detidos no Bacaba; **foto 4** – um soldado com farda da PM armado com revólver vigiando uma criança que estava com os guerrilheiros; QUE não se recorda do que estavam registrado nas outras fotografias; QUE Paulo Fontelles fez cópias das imagens contidas nos monóculos com o auxílio de um laboratorista em fotografias; QUE o Sargento SANTA CRUZ não revelou maiores dados sobre a guerrilha, embora seu filho tivesse lhe pedido; QUE o filho do Sargento SANTA CRUZ falou ao declarante que o seu pai tinha servido o Exército por muito tempo no Bacaba e com o fim da guerrilha continuou ainda por algum tempo no Bacaba e que ele sabe de muita coisa. Como nada mais declarou, o Sr. Procurador mandou encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, *JoA* Joalice Corrêa Pacheco Garcia, Técnica Administrativa da PRM/MAB, que o digitei.//

Sinvaldo de Souza Gomes
Sr. SINVALDO DE SOUZA GOMES

Dr. Guilherme Zanina Schelb
Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB



DEPOIMENTO PESSOAL QUE PRESTA SINÉSIO MARTINS RIBEIRO

Aos dezenove dias do mês de julho de 2001, na sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA, em São Geraldo do Araguaia-PA, situada na avenida Brasil, s/n, bairro Beira Mar, compareceu devidamente intimado o SINÉSIO MARTINS RIBEIRO, filho de Raimundo Martins Ribeiro e Otilia Martins Bringel, nascido Maranhão, em 22/11/22, residente à rua Magalhães Barata, na cidade de Palestina/PA, profissão lavrador, RG nº 55.300, declarou, nesta data: que foi preso em São Geraldo e levado para Xambioá, por desavença com José Sucuriu, que fez uma empreita de 500 cruzeiros e não foi trabalhar; que na base do Exército em Xambioá ficou preso num curral de arame farpado, dormindo no chão com outros presos; que apanhou e levou alguns empurrões; que depois de mais ou menos 20 dias foi levado para indicar o local de Pedra do Almoço; que aí não encontrou guerrilheiros; voltou para a base do Exército e voltou a ficar no curral; que passou a limpar as armas apreendidas no avião do Noletto e que pertenciam ao Evandro Azevedo; que estas armas eram para assustar o povo que estava invadindo as terras do Evandro no Castanhal das Abóboras; que a partir disso passou a ser guia; que as armas usadas pelos guais foram aquelas apreendidas; que a partir daí passou a dormir nos barracões do Exército em Xambioá; que quando não havia informações sobre o pessoal da mata ficava em casa; que quando havia informações os helicópteros os apanhavam na clareira do Arlindo Vieira, conhecido como Arlindo Piauí; que o sítio do Arlindo serviu de base do Exército, onde ficavam uma base de 10 soldados, que se revejavam e dormiam na casa do próprio; que esse sítio ficava vizinho das terras dos Galegos, perto de Santa Clara, um pouco adiante das terras do Zeca do Jorge, perto do Igarapé do Franco; que o Arlindo era genro do Sr. Raimundo Galego; que o Exército pegou, sem pagamento 3 de seus porcos; que por esse serviço recebeu apenas duas diárias de 10,00 cruzeiros cada; que recebeu 5000 cruzeiros para dividir entre o depoente, Iomar Galego e Raimundo Baixinho; que quando ainda estava preso no curral da base de Xambioá, viu a cabeça do Mundico; que isto se deu entre agosto e

Sinésio

Evandro

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO - DF



setembro, porque as roças ainda não tinham sido queimadas; que quem descobriu a sepultura foi o João do Buraco, proprietário do local onde estava enterrado o Mundico; que o Mundico era conhecido do João do Buraco; que as terras do João do Buraco, localizadas perto das terras dos Galegos, eram frequentadas pelos guerrilheiros; que João do Buraco ajudava os guerrilheiros; que João do Buraco, ao ser preso pelo Exército, mostrou a sepultura; que o Exército não havia travado combates neste local; que por isso o Exército disse que foram os guerrilheiros que mataram o Mundico; que o Exército chegou lá por volta de 4 ou 5 dias após; que o Exército cavou o buraco, cortou a cabeça, e enterrou novamente o corpo; que a cabeça foi levada para a base e mostrada aos presos para reconhecimento; a cabeça estava meio destruída, o cabelo solto; que João do Buraco reconheceu o Mundico; que os documentos estavam com o morto; que a cabeça do Mundico ficou exposta uns dois dias perto do barracão do Exército; que ele acha que essa cabeça foi enterrada perto de um pé de jatobá que ficava perto da base; que o João do Buraco apanhou muito na base do Exército em Xambioá; que como guia andou por vários locais como Igarapés do Franco, Cunha, Gameleira, castanhal da Viúva, Jacaré Grande, Jacarezinho, Pau Preto; que o primeiro tiroteio do Exército foi no Pau Preto onde foi morto o Ari, que o depoente estava presente; que Ari não atirou; que Ari teve sua cabeça cortada e levada para a base do Exército em Xambioá; que nesse dia só havia uma equipe de 5 soldados, o comandante era o Piau e os guias eram Iomar Galego, Raimundo Baixinho e o depoente; que a grota do Pau Preto fica dentro do castanhal do Almir Moraes; que isto se deu num encontro casual, que não viram piseiro nem tiveram informações; que após a retirada da cabeça a colocaram num saco plástico e voltaram a pé, até a base do Paulista, na beira do rio Xambiozinho, junto a OP-2; que a cabeça foi entregue ao Dr. César do Exército; que o Dr. César era muito malvado, batia muito nas pessoas e também mandava bater; que o depoente voltou a pé para casa; que o tiroteio seguinte foi nos fundos do castanhal do Almir Moraes; que a equipe era outra e não a do depoente; não sabe informar quem era o comandante, mas os guias eram Raimundinho e Arlindo Piaui; que ficou sabendo dos fatos pelo Raimundinho e pelo Arlindo Piaui; que nesse dia o Raimundinho atirou e matou o Chicão; que não tem certeza mas parece que o Chicão não atirou; que nesse mesmo dia o Arlindo viu um rapaz de uns 14 anos, negro, filho do seu Américo que mora na Palestina, passar correndo na mata mas que não atirou porque ficou com pena; que

Sinval

Amaral

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO - DF



não sabe informar se a cabeça do Chicão foi cortada; que mais adiante encontraram o acampamento dos guerrilheiros; que não sabe o nome do menino que passou correndo; que o dito acampamento fica para os lados do Igarapé do Cunha; que nesse dia também estava a Dina que correu e deixou a bolsa com seus documentos; que mais adiante acharam uma alparcata de pneu do Osvaldão; que a Dina estava remendando uma calça; que os guias acreditam que era a Dina porque estava ao lado de sua bolsa e havia uma agulha com linha; que a equipe do Raimundinho e do Arlindo foram descansar; que a equipe do declarante ficou de tocaia nas proximidades; que no dia seguinte viu o corpo do Chicão, já estava com mau cheiro, os urubus estavam por perto, mas o depoente passou a uma certa distância que não pode distinguir se tinha ou não a cabeça, mas pode afirmar que não foi enterrado; que após uns três dias, como não aparecesse nenhum guerrilheiro, abandonaram o local; que quando o Chicão morreu já fazia mais de um mês que o Ari havia morrido; que já era tempo das chuvas; que não se lembra quem era o comandante; que o depoente era guia junto com o Iomar Galego, Pedro Galego, Raimundo Baixinho e mais dois cablocos (índios); que os comandantes eram Piau e Molino, mais quatro soldados; que os índios não estavam armados; que foram pelo informe de Josias, guerrilheiro que tinha se entregado para o pessoal da base de São Raimundo; que o depoente conhecia o Josias, o Chicão, o Ari, Osvaldão, Valquíria, Jaime, Áurea, desde antes da guerra; que o Josias falou como fez para se entregar; que fingia estar com dor de barriga para se afastar dos guerrilheiros e fugir; que os guerrilheiros desconfiaram dele e ficavam vigiando até que uma vez conseguiu fugir e se entregar; que o Josias entregou um local na mata que era ponto de encontro dos guerrilheiros, caso se perdessem após algum tiroteio com o Exército; que quem levou os guias ao local foi o próprio Josias; que ao se aproximar do local ele apontou com o dedo e voltou; que nesse instante o Jaime atirou dois tiros e errou e que não atirou mais porque a bala engasgou na arma; que a seguir a equipe atirou muito que a mata ficou cheia de fumaça; que quando abaixou a fumaça, Piau foi de rastro e pediu os outros para darem tiros compassados por cima dele; que quando Piau chegou, constatou que o Jaime estava morto; que ele tinha um pouco de milho e de sal, uma colher, uma lata de óleo para cozinhar e um moinho de moer milho; que não tinha camisa e a calça estava toda esfarrapada; que as pernas estavam cheias de feridas de "leicho"; que ele estava muito magro, tinha 5 a 6 cartuchos

Simões

Q

Simões

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO - DF

de bala; que ele foi atingido por muitas balas de FAL; foi atingido no braço e quebrou o relógio; que ele tinha documento de identidade; que retiraram ele da cabana e desceram ele para o pé do morro, onde retiraram a cabeça; que a cabeça foi colocada num saco plástico e levada na mochila do Baixinho; que não tinham como cavar a cova; que cavaram com facão e pedaço de madeira, por isso a cova ficou rasa; que colocaram por cima do corpo umas cuncas de coco; que foram a pé até a casa do Raimundo Galego; que lá já os esperava o Dr. Augusto, que trabalhava na base de São Raimundo, onde acredita que tenha ficado a mochila com a cabeça do Jaime; que isto ocorreu por volta de 15 dias após a morte do Chicão; que o Jaime morreu há aproximadamente 5 Km da casa do Raimundo Galego, perto da grotinha do Ezequiel; que neste trecho da OP 2, havia três bases: a do Paulista, a do Arlindo e a de São Raimundo; que Josias foi levado para a base de São Raimundo, onde foi visto mais umas três vezes pelo depoente; que o Josias foi bem tratado porque segundo os soldados, era preciso tratar bem o "cliente;" para ele falar; que depois não viu mais o Josias, não sabendo informar se foi mandado embora ou se foi matado; que o depoente que ficou sabendo pelo Pedro Galego e Iomar Galego que a Mariadina foi presa no rumo da OP-1, dentro da mata; que quem prendeu ela foi o mateiro Manoel Gomes e entregou para o Exército; que segundo soube o depoente ela foi levada para a casa do Arlindo Piauí para contar onde estavam os outros e outras informações; que ela não falou nada; que lhe contaram que ela era muito bruta, porque ela não respondia nenhuma das perguntas e também cuspiu nos doutores; que por isso mataram ela um pouco adiante da casa do Arlindo Piauí, dentro da mata; que o depoente não conheceu Mariadina; que a partir daí ficou andando pela estrada; que viu a Valquíria viva dentro da base de Xambioá; que ela estava bem cuidada, limpa e com roupa nova, um vestido, falando com o doutor; que o doutor não gostava de falar com guerrilheiro sujo; que a Valquíria contou aos militares que estava com o Osvaldo quando este foi morto; que a mesma perdeu a espingarda nesta vez, pois a mesma ficou enganchada num pau; que Arlindo Piauí contou para ele que Osvaldo estava afastado de um grupo de 4 ou 5 guerrilheiros pois ele estava colhendo mel; que ele seguiu o rastro e o Osvaldo estava voltando; que ele viu o boné do Osvaldo e ficou espreitando até que ele viu quem era e atirou; que um pouco atrás vinham os guerrilheiros que fugiram; que o depoente foi para o local assim que mataram o Osvaldo, para vigiar se aparecia alguém; que antes veio o

Sinvaldo

to

Francisco

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO - DF

helicóptero para buscar o Osvaldo; que tentaram içar o corpo do Osvaldo para o helicóptero e que o corpo caiu e dizem que quebrou as duas pernas; que ouviu dizer que houve festa na Base de Xambioá, com fogos; que o depoente não viu o corpo de Osvaldo, que o mesmo já estava enterrado; que provavelmente tenha sido enterrado em Xambioá; que o Osvaldo foi morto para os lados de Embaubal; que na base de Xambioá viu ela ser levada por um soldado do Exército para o rumo do jatobá; que o "carrasco" (sic) levava uma arma curta; que a arma era "surda" e não se escutava o tiro; que atrás ia outro soldado levando uma lata grande de bolacha com cal virgem; que dias depois ele perguntou ao soldado por ela e teve como resposta "já era", que esta resposta significava que tinha sido morta; que o depoente não falou com ela; que antes de ser morta ela tinha uma rede armada no barracão; que soube pelos guias Domingos e Manoelzinho Araújo que a Aurea e Batista foram presos na casa da dona Petronilha; que a Dona Petronilha falou para os soldados que eles iam a sua casa comer todas as tardes; que o Exército mandou os dois guias acima citados para ficarem vigiando dentro da casa de dona Petronilha, escondidos no quarto, aguardando a chegada dos guerrilheiros; que quando a Aurea e o Batista chegaram ao anoitecer foram presos; que os dois não atiraram pois não tinham mais munições; que os presos foram levados para a casa do Arlindo, onde o Exército já estava esperando; que os dois foram levados para Xambioá; que Batista era um morador que aderiu a guerrilha; que o depoente não chegou a ver a Aurea viva em Xambioá, apenas o Batista; que o depoente chegou a conversar com o Batista a quem deu conselhos para que obedecesse os militares; que o Batista não seguiu seus conselhos, parece que ele era meio preguiçoso; que depois o Batista desapareceu; que ele não perguntou pela Aurea nem pelo Batista; que a mulher do Batista foi presa, levada para a base de São Raimundo, onde passou a ser cozinheira; que o depoente perguntou se ela recebia salário e ela respondeu que não sabia mas que os soldados disseram que quando terminasse a guerra eles a levariam para junto da família dela no Maranhão; que a filha do casal, de aproximadamente 7 anos, também ficava na base; que acha que a mulher se chamava Raimunda; que depois não a viu mais na base; que ouviu dizer que um tropeiro foi abordado pela Dina que ela lhe pediu para ele comprar uma roupa para ela; que ela lhe deu dinheiro para isto; que o tropeiro contou para o seu patrão que lhe recomendou avisar ao Exército; ela estava com outra companheira e não tinham mais roupas sobre o corpo; que eles

Sinzeu

8 *Stanoz*

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO - DF



~~marcaram um local para se encontrarem; que o tropeiro foi ao encontro; que quando ela apareceu o Exército cercou e prendeu as duas; que nada mais havendo nem lhe sendo perguntado, encerrou-se o presente termo.~~

Sinésio Martins Ribeiro

SINÉSIO MARTINS RIBEIRO
Depoente

Atanásio Costa Gomes

ATANÁSIO COSTA GOMES
Testemunha

Guilherme Zanina Schelb
GUILHERME ZANINA SCHELB
Procurador da República

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO - DF



INTIMAÇÃO 01/01

O **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**, por meio do Procurador da República abaixo assinado, nos termos do art. 8º da Lei Complementar n. 75/93, e tendo em vista as investigações realizadas no âmbito do Inquérito Civil Público n. 05/01, da Procuradoria da República do Distrito Federal, relativas à "Guerrilha do Araguaia";

INTIMA a pessoa conhecida pelo nome de **Sr. PEDRO GALEGO**, residente na localidade de Santa Cruz-PA,

a comparecer na sede do INCRA, na Av. Brasil, s/n, bairro Beira-Rio, São Geraldo do Araguaia-TO, no dia **19 de julho de 2001 as 14:00 hs**, a fim de prestar depoimento pessoal, bem como apresentar todos os documentos que tiver em seu poder relativos à referida investigação.

Fica advertido que o Ministério Público Federal tem autorização legal para requisitar documentos e pessoas, e que **é crime, punido com pena de reclusão**, prestar informações falsas ou omitir qualquer informação no âmbito de investigação ministerial.

São Geraldo do Araguaia, 19 de julho de 2001.



Guilherme Zanina Schelb
Procurador da República

PEDRO RIBEIRO ALVES

**DEPOIMENTO PESSOAL QUE PRESTA PEDRO RIBEIRO ALVES**

Aos dezenove dias do mês de julho de 2001, na sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA, em São Geraldo do Araguaia-PA, situada na avenida Brasil, s/n, bairro Beira Mar, compareceu devidamente intimado o **SR. PEDRO RIBEIRO ALVES**, brasileiro, casado, conhecido como "~~PEDRO GALEGO~~", nascido a 18.01.1943, RG 66834 SSP-PA, CPF 195 824 551 87, filho de Raimundo Ribeiro Alves e Supercília Martins Jorge, residente na localidade de Santa Cruz, no Município de São Geraldo do Araguaia-PA, a fim de prestar depoimento pessoal em face dos fatos que envolveram a "guerrilha do Araguaia", nos termos seguintes. Que perguntado respondeu: que mora na região do São Geraldo do Araguaia-PA desde pequeno; que o depoente participou da guerrilha do Araguaia como guia do Exército; que foi obrigado pelos militares a ajudá-los na perseguição de guerrilheiros na mata; que quem não ajudava era espancado e torturado pelos militares; que o declarante viu com os próprios olhos diversos lavradores da região sendo espancados por militares, porque não queriam colaborar com o Exército; que dentre eles está o Sinésio, o velho Ermógenes, o Picida (Darcy), o Sirvane (irmão de Picida, e morreu todo arreventado, alguns anos depois, em decorrência da violência praticada pelos militares); que após passar a colaborar com o Exército, o depoente passou a andar pela mata com militares, isto a partir de 1972; que os militares andavam pela mata sem farda, ou seja, usavam roupa de civil, e portavam fuzis FAO, em grupos de até 10 pessoas; que os militares chamaram o depoente uma vez para ir até a Grota da Buragiga, porque lá se encontrava o corpo do guerrilheiro JAIME, e avisaram o declarante que já tinham tirado a cabeça do morto, e que era para o declarante enterrar o corpo; que quem comunicou isto ao declarante foi o comandante MAULINO, militar do Exército, que comandava um grupo de militares que andava pela mata; que o comandante MAULINO também mandou o declarante fazer guarda no local para ver se algum outro guerrilheiro apareceria; que o declarante foi até o local e encontrou de fato um corpo sem a cabeça, e pode reconhecer como sendo o corpo de JAIME, já que conheceu JAIME em vida, e se tratava de uma pessoa de estatura baixa, moreno escuro, tal qual o corpo que estava no local; que o declarante não sabe como ocorreu a morte de JAIME; que o declarante não sabe quem cortou a cabeça de JAIME, mas sabe que SINÉSIO participava do grupo de militares que



Atencioso
&

mataram JAIME; que o corpo de JAIME foi enterrado na GROTA DA BORAGIGA, que hoje em dia fica no pasto da Fazenda do ANTÔNIO COSTA; que o declarante não sabe se conseguiria achar o local onde enterrou o corpo de JAIME, porque toda a vegetação original foi devastada; que o declarante conheceu o PIAU que era um militar que comandava um grupo na selva; que o declarante não presenciou o momento da prisão de MARIADINA; que em outra oportunidade, na sede do acampamento do Exército em Xambioá-TO, o depoente presenciou um corpo envolto em uma lona verde, sem que se pudesse ver seu corpo, e os militares disseram que era o corpo de OSWALDÃO; que o declarante se recorda de haver visto no acampamento do Exército em Xambioá os guerrilheiros BATISTA, AUREA, SIMÃO, JOSIAS; que todos estavam vivos e acompanhados de soldados; que o declarante se recorda de haver visto o momento em que BATISTA e AUREA chegaram no acampamento em um helicóptero do Exército; que o declarante não chegou a falar com nenhum deles, até porque, tão logo os guias chegavam no acampamento eram levados para um local separado, onde ficavam recolhidos e não podiam ver ou falar com as outras pessoas do acampamento; que os militares tiraram muitas fotos do declarante na época da guerrilha, tanto no acampamento, como na mata, quando estavam em operação; que vários outros guias também foram fotografados, sozinhos e junto com outros; que um militar de Brasília, de nome Flávio, veio até São Geraldo do Araguaia-TO há uns 5 ou 6 anos para entregar ao declarante um porte de arma e um revólver 38, sendo que ambos foram apreendidos hoje por soldados da Polícia Militar do Pará, quando de sua intimação para comparecer a este depoimento; que o revólver 38 que foi entregue ao depoente pelo militar do Exército estava novinho em folha, com mais 12 balas; que o declarante sabe que outros guias receberam armas do Exército, na mesma data que o declarante, ou seja, há uns 5 anos; que o declarante sabe que o Sr. OLIMPO, morador da região que o declarante não conhecia, também recebeu um revólver do Exército; que o próprio Dr. FLÁVIO disse ao declarante que iria entregar uma arma para o Sr. OLIMPO; que o Dr. FLÁVIO veio até a casa do declarante na localidade de SANTA CRUZ para entregar a arma, sendo que estava em uma camionete, com mais duas pessoas; que o DR. FLÁVIO disse para o declarante ficar de bico calado em relação aos fatos envolvendo os fatos da guerrilha do araguaia, e também para vigiar a região, prestar atenção se aparecesse alguém estranho na região,



Flávio

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL



devendo comunicar ao DR. FLÁVIO qualquer acontecimento estranho; que há alguns anos atrás o mesmo DR. FLÁVIO veio até a casa do declarante para lhe dar um cesta básica, com mantimentos; que o declarante ouvia dizer que os militares cortavam a cabeça de todos os guerrilheiros que encontravam, não sabendo dizer o porquê; que outros militares que o declarante se recorda o nome são: DR. VALPORTO, DR. CÉSAR, DR. JOÃO e DR. BRITO; que o depoente nunca presenciou guerrilheiros sendo espancados ou torturados por militares, mas por diversas ocasiões presenciou moradores humildes sendo agredidos por militares, para que colaborassem com o Exército; que o declarante não acredita quem nenhum morador em sua consciência iria entrar na mata para perseguir os guerrilheiros, porque era muito perigoso; que os soldados do Exército eram muito medrosos e alguns chegavam a chorar quando tinham que entrar na mata; que o depoente tem conhecimento de que o Sr. ANTÔNIO DO TÊNIS, vizinho do depoente, também recebeu um porte de arma e um revólver 38 do DR. FLÁVIO, do Exército, no mesmo dia em que o declarante recebeu o seu revólver; que ainda no mês de junho de 2001, no mês passado, o declarante recebeu a visita do DR. ADRIANO, que veio de Marabá-PA, e mandou o depoente ficar calado sobre a guerrilha do Araguaia; que o declarante tem muito medo do o Exército pode lhe fazer caso diga tudo o que sabe; que o Exército forneceu ao depoente cestas básicas, em pelo menos duas oportunidades; que este ano o depoente já recebeu a visita de militares duas vezes; que o declarante tem mais a dizer, mas precisa se lembrar, e não está passando bem neste momento, pedindo para finalizar os trabalhos; que nada mais havendo nem lhe sendo perguntado, encerrou-se o presente termo.

PEDRO RIBEIRO ALVES
Depoente



Atanásio e

ATANÁSIO COSTA GOMES

Testemunha

JL
GUILHERME ZANINA SCHELB
Procurador da República

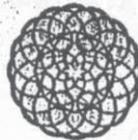
REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

MJ - DPF - DOPS

PORTE FEDERAL DE ARMA

CERTIFICAÇÃO N°	CONTROLE	CATEGORIA	VAL.	
D97016342	DOPS/CCP	DECAÇADOR	1ª	
NOME / RAZÃO SOCIAL				
PEDRO RIBEIRO ALVES *-*-*-*-*				
P R O V I S Ó R I O				
N° DA ARMA	COD. ESPÉCIE	COD. MARCA	CALIBRE	FABR.
66333	REVO	TAURUS	38	BRAS
DATA EXP. N°	VALIDADE	IDENTIFICAÇÃO		
02.08.97	31.12.97	CI66834 SSP/PA		

VALIDO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL



095294

DEVERES DO PORTADOR

(PORTARIA N° 00600/MJ, de 12.12.86)

Art. 10 - "Ao titular de autorização de porte de arma de fogo de uso permitido, é permitido conduzi-la ostensivamente e com ela transitar ou permanecer em clubes, casas de diversão, estabelecimentos educacionais e locais onde se realizem competições esportivas, reunião ou aglomeração de pessoas.

Art. 11 - São deveres do portador de arma de fogo, de uso permitido:

I - Comunicar ao órgão expedidor da respectiva autorização, sua mudança de domicílio, extravio, furto ou roubo da arma, assim como o seu desfazimento, hipótese esta em que se fará necessário prévia autenticação do citado órgão;

II - Guardar a arma com a devida cautela, evitando que a mesma esteja ao alcance de terceiros, principalmente crianças;

III - Conduzir a arma desmontada e embrulhada, quando em trânsito por cidades, vilas ou povoados, ou quando em viagem por qualquer meio de transporte coletivo, em observância do porte autorizado na categoria CAÇADOR;

IV - Conduzir sempre a respectiva licença ao portar a arma a quem a mesma compete;

Parágrafo único - A inobservância a qualquer dos itens acima implicará na cassação do registro, do porte e apreensão da arma."

ESTA LICENÇA É VALIDA COM A CARTEIRA DE IDENTIDADE E É PESSOAL E INTRANSFERIVEL, ASSUMINDO O PORTADOR A RESPONSABILIDADE POR QUALQUER OCORRÊNCIA COM A ARMA.



POLICIA JUDICIARIA DO ESTADO DO PARA

BOLETIM DE OCORRENCIA POLICIAL : 2001,000058

APRESENTACAO ? : NAO

UNIDADE POLICIAL..... : (315.01) DEL. POL. SAO GERALDO DO ARAGUAIA
 AUTORIDADE POLICIAL.. : JOSE DIAS BEZERRA
 REGISTRADOR DO BOP... : FRANCISCO AMANCIO DA SILVA
 DATA/HORA DO REGISTRO : Em 19.07.2001 as 19:27 Hs
 IDENTIFICACAO DO CASO : APRESENTACAO DE ARMA DE FOGO

DADOS DO RELATOR.....

NOME..... : GUILHERME ZANINA SCHELB
 DOCUMENTO IDENTIDADE : (CARTEIRA FUNCIONAL) : 500; MIN. PUBLICO FEDERAL, DF
 TELEFONE PARA CONTATO : (061) 3174615 TIPO RELATOR : OUTROS
 ENDEREÇO RESIDENCIAL : *****
 COMPLEMENTO : SAS QD 05-BL E, LOTE 08
 PERIM/FUNDOS : MIN. PUB. FEDERAL/BRASILIA-DF/GABINETE 610
 BAIRRO/CIDADE: OUTROS/SAO GERALDO DO ARAGUAIA

DADOS DA OCORRENCIA.....

ESPECIALIZACAO DO CASO: CASOS DE VIGILANCIA GERAL
 DATA/HORA DO FATO.... : Em 19.07.2001 as 15:00 Hs
 LOCAL DA OCORRENCIA.. : *****
 COMPLEMENTO : PEDRAL - RIO ARAGUAIA
 PERIM/FUNDOS : PROX. S. GERALDO ARA././.
 BAIRRO/CIDADE: TERMINAL DISTANTE/SAO GERALDO DO ARAGUAIA

RELATO DA OCORRENCIA.....

APRESENTACAO DE ARMA DE FOGO: O comunicante informa que e PROCURADOR DA REPUBLICA e que no dia e horas acima citados, o mesmo, no exercicio de suas atribuicoes funcionais, designou o Sr. JOSE DORIVALDO PINHEIRO SOUSA, o qual fora incumbido de dirigir-se ate a localidade SANTA CRUZ, neste municipio, para proceder a intimacao do nacional PEDRO RIBEIRO ALVES, acompanhado dos Policiais Militares, SGT-PM VALDICO, SD-PM FARIAS e SD-PM GILMAR, ambos em uma Lancha " Voadeira ", porem antes mesmo de chegarem a referida localidade avistaram um barco de passageiros, que vinha daquela localidade e se dirigia ate Sao Geraldo do Araguaia, ocasio em que o declarante e os policiais militares que o acompanhavam, decidiram intercepta-lo, passando em seguida a revistar os passageiros; QUE ao realizarem a revista dos passageiros, identificaram entre os mesmos, o nacional PEDRO RIBEIRO ALVES, o qual portava consigo um revolver, calibre 38 (Trinta e oito) marca TAURUS, No. 66333, com carregador com capacidade p/ 06 (seis) projeteis, cabo de madeira, Numeracao interna F 115, o qual estava carregado com seis capsulas, todas intactas; QUE o mesmo tambem apresentou um PORTE FEDERAL DE ARMA, expedido em 02.05.1997, Certificado No. D97016342, o qual fora autorizado pelo entao Chefe do DOPS/CCP - DPF LUIZ GONZAGA NETO, sendo o referido porte de carater provisorio, com validade ate 31.12.1997, o qual consta no verso a numeracao 095294; QUE ao ser indagado sobre a procedencia da arma que fora apreendida em seu poder, o nacional PEDRO RIBEIRO ALVES, disse

(MD=10.930).....(Continua)

ATENCAO, em funcao do relato da ocorrencia ter ultrapassado o numero de linhas disponiveis em uma pagina, o mesmo continuara na pagina seguinte, porem formando um unico Boletim de Ocorrencia Policial.



POLICIA JUDICIARIA DO ESTADO DO PARA

BOLETIM DE OCORRENCIA POLICIAL : 2001,000058

APRESENTACAO ? : NAO

UNIDADE POLICIAL..... : (315.01) DEL. POL. SAO GERALDO DO ARAGUAIA

AUTORIDADE POLICIAL.. : JOSE DIAS BEZERRA

REGISTRADOR DO BOP... : FRANCISCO AMANCIO DA SILVA

DATA/HORA DO REGISTRO : Em 19.07.2001 as 19:27 Hs

IDENTIFICACAO DO CASO : APRESENTACAO DE ARMA DE FOGO

IDENTIFICACAO DO RELATOR : GUILHERME ZANINA SCHELB

DOCUMENTO IDENTIDADE : (C CARTEIRA FUNCIONAL) 500, MIN. PUBLICO FEDERAL, DF

TELEFONE PARA CONTATO : (061) 3174618 TIPO RELATOR : OUTROS

ENDEREÇO RESIDENCIAL : *****

COMPLEMENTO : SAS QD 05-BL E, LOTE 08

PERIM/FUNDOS : MIN. PUB. FEDERAL/BRASILIA-DF/GABINETE 610

BAIRRO/CIDADE : OUTROS/SAO GERALDO DO ARAGUAIA

DADOS DA OCORRENCIA.....

ESPECIALIZACAO DO CASO : CASOS DE VIGILANCIA GERAL

DATA/HORA DO FATO.... : Em 19.07.2001 as 15:00 Hs

LOC. DA OCORRENCIA.. : *****

COMPLEMENTO : PEDRAL - RIO ARAGUAIA

PERIM/FUNDOS : PROX. S. GERALDO ARA./.

BAIRRO/CIDADE : TERMINAL DISTANTE/SAO GERALDO DO ARAGUAIA

RELATO DA OCORRENCIA.....(Continuacao do Relato)

te-la recebido do Dr. FLAVIO, um possivel Militar, que viera de BRASILIA-DF, ocasio em que tambem lhe fora concedido, pelo mesmo, o porte de arma, acima citado.Registra-se para ultteriores de direito.

Francisco Amancio da Silva
(MD=10.930) "ESCRIVAO DE POLICIA CIVIL"
Insc. 836 P.C. São Geraldo do Araguaia - PA

ESCRIVAO PG:FRANCISCO AMANCIO DA SILVA RELATOR:GUILHERME ZANINA SCHELB

INFORMACOES GERAIS.....(VIA DO RELATOR)

- OBSERVACOES :
1. Valido como Certidao para fins de direito.
 2. Este documento e' gratuito.





GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
POLÍCIA CIVIL DO ESTADO

DELEGACIA DE POLÍCIA DE SÃO GERALDO DO ARAGUAIA



AUTO DE APRESENTAÇÃO E APRENSÃO

Ao(s) DEZENOVE dia(s) do mês de JULHO

do ano de ~~2000~~ DOIS MIL E UM

nesta cidade de S. GERALDO DO ARAGUAIA Estado do Pará, em a Secretaria de Estado de Segbrança Pública sala onde funciona Cartório da DELEGACIA DE POLÍCIA CIVIL onde se achava o senhor Dr. JOSÉ DIAS BEZERRA,

Delegado de Polícia, comigo FRANCISCO AMANCIO DA SILVA,

Escrivão de seu cargo ao final nomeado e

assinado compareceu o senhor GUILHERME ZANINA SCHELB, PROCURADOR DA REPÚBLICA, portador da Carteira Funcional Nº 500,..., que em presença

as testemunhas VALDICO SOUZA MENDES, Policial Militar, residente na 4ª Cia. de Policiamento da S. Geraldo do Araguaia,... e JOSÉ DORIVALDO PINHEIRO DE SOUSA, Func. Pub. Federal, residente na Av. Borges Leal, 1.495 - Santarém, PARÁ,...

apresentou à Autoridade o(s) a ARMA DE FOGO, abaixo relacionado (s), que pela mesma Autoridade fo apreendido(s) na forma da lei: Um Revólver, calibre 38 (trinta e oito), marca TAURUS, Nº de Série 66333, c/ carregador para 06 (Seis) projeteis, Numeração interna F 115, o qual estava municiado c/ 06 (seis) cápsulas, todas intactas e Uma carteira de PORTE DE ARMA, Certificado Nº D97016342, expedido pelo DOPS/CCP e autorizado pelo então chefe do referido órgão, DFF - LUIZ GON ZAGA NETO.////////////////////

XXX

XXX

XX

X

X

XXXX

XXXX

XXX

XXX

XXXX

XXXX

XXXXXX

XXX

XXX

XXX

XXXX

XXXXXXXXXXXX, conforme FICHA DE OCORRÊNCIA

de N.º 2001000058, o(s) qua 1 fo 1 encontrado(s) em poder do elemento de nome PEDRO RIBEIRO ALVES, vulgo " Pedro Galego ",

Fl. 133
JL

Quando se passaram trinta dias após eu ter sido liberado, então eu comecei a dar ataque, e desses ataques alejei um lado todo e perdi a fala e a memória, já não lembrava mais nem meu próprio nome. Então na tentativa de procurar cura, gastamos todo o nosso recurso; aí minha mulher recorreu ao Exército em Belém; ela foi até o QG, quando chegou lá, minha mulher falou com o coronel Borges, então -- ele nos mandou para o Hospital do Exército, Marinha e Aeronáutica, e em todos os que eu ia não obtinha melhora nenhuma e cada vez mais eu piorava; eu já estava de um jeito que não tinha mais esperança de sobreviver.

Em um determinado dia eu fui na casa de -- uma conhecida e pedi a ela que me embarcasse para Marabá; -- então eu voltei para casa, pois os médicos haviam me dado -- alta; isso tudo depois de ter passado 60 dias em Belém, perambulando de um hospital para outro.

Chegando em Marabá, procurei outros hospitais, nas cidades vizinhas no que não obtive sucesso nenhum pois continuava doente, fiquei então mais dois meses em Marabá, e o unico recurso que ainda nos restava era um terreno, o qual tive que vender, com o dinheiro que consegui, fui levado para São Paulo.

Saí de Marabá, em 15 de Junho de 1973, levando uma carta de recomendação de um amigo meu, para uma Dra. que trabalhava em uma clínica de São Paulo; chegando lá fui muito bem recebido, fiquei 15 dias fazendo exame, -- com 16 dias fui hospitalizado, então fiz novos exames; então descobriram um enorme tumor interno do lado da minha cabeça, fui operado, passei 3 dias na sala de operação, só os médicos e que podiam entrar lá; no 4º dia, eu voltei para o leito aonde eu estava, e aos poucos fui voltando a minha melhora e recuperando o estado fisico que eu tinha perdido.

Passei dois meses me recuperando para poder vir embora para Marabá, quando eu já estava melhor a -- Doutora Hiolanda, da Assistência Social, me ajudou para mim vir embora.

Os médicos me recomendaram um ano de absoluto repouso, sem pegar sol, sem carregar peso e nem ficar nervoso. Então fiquei aos cuidados médicos; de treis em -- treis meses eu tinha que ir a Belém em um hospital, sob uma ordem que veio da Assistência Social das Clinicas de São -- Paulo.

Então eu continuei dando ataque depois de operado, então os médicos passaram para mim tomar Gardenal, enquanto vida eu tiver; e assim eu continuo até os dias de hoje, ou seja vivo sob os efeitos de xremedio.

Eu que antes, era homem para enfrentar -- qualquer tipo de trabalho, hoje me vejo reduzido a simplesmente 60% do que era antes.

Infelizmente esta é minha história, nas mãos dos militares, que tento esquecer mais as marcas e a dor são muito profundas.

CARTÓRIO
SILVINO SANTIS

Marabá-Pá, 10 de MAIO de 1993

Otacilio Alves de Miranda

OTACILIO ALVES DE MIRANDA
RUA FREI RAIMUNDO LAMBEZART Nº 2426

CARTÓRIO "SILVINO SANTIS" NOVA-MARABÁ-PARÁ

Reconheço (em nome) verdadeira(s) ass(s) firm.:
Otacilio Alves de Miranda

assinada(s) com esta s

CARTÓRIO "SILVINO SANTIS" - NOVA G. de INHOEVE
Rua S. Froilo
Oficial
Suc. de Ant. do A. Santis
Mario J. M. de Sousa
Lucimar S. Batista
Esc. Autorizad.

CARTA - DEPOIMENTO

DE: OTACILIO ALVES DE MIRANDA

MARABÁ--PARÁ

179

PROG/PR/IA
Fls. 126
NL

Meu nome é Otacilio Alves de Miranda, nasci dia 10 de Fevereiro de 1929, na Cidade de Morpará, Município de Queimada, Estado da Bahia, aonde eu fiquei até os 26 anos de idade, durante o tempo em que lá morei, trabalhava como tropeiro, então deixei a Bahia no dia 24 de Dezembro de 1954, cheguei aqui dia 10 de Maio de 1955.

Quando cheguei aqui em Marabá, fui trabalhar como tropeiro para o Ananias Costa, trabalhei durante 7 anos com ele; então em 1959 resolvi trabalhar com o Osório Pinheiro na Fazenda Macacheira, onde trabalhei durante um ano, durante este tempo que com ele trabalhei, fui cortador de juquira e castanheiro; em 1960 fui para Imperatriz--Maranhão, e no final do referido ano ou seja Dezembro, retornei à Marabá e procurei o Srº. Salumy, na esperança de arranjar novo serviço, então o Salumy me disse que na Fazenda da Olho D'agua não havia vaga para mim; mas que em outra --Fazenda denominada Fazenda Mundo Novo, havia uma vaga para gerente; então eu lhe disse que não era bem o que eu queria mas acabei aceitando; ele me arranjou uma burra para mim ir amontado. Trabalhei mais ou menos 2 anos na Fazenda Mundo Novo, então o Srº. Salumy me chamou para ser escrivão dele na Fazenda Macacheira, tudo isso já em 1962, fiquei ocupando este cargo até 1966, foi quando assumi o cargo de gerente da dita Fazenda ficando assim até 1969; em junho de 1969 eu resolvi sair da Fazenda e começar um outro ramo de vida; eu ia então viajar pelo Rio Araguaia, vendendo mercadorias; e como não tinha um barco o Srº. Salumy me arranjou um casco, então peguei um motor emprestado com o Srº. Assis, quer dizer aluguei um motor do Srº. Assis, e ai comecei a trabalhar. Quando se fez um mês de trabalho eu comprei um motor, e continuei a trabalhar, no final do verão eu comprei um casco de João Pernambuco, sem toldo; com sessenta dias eu coloquei o toldo e continuei a viajar, com um ano que eu já trabalhava neste ramo eu encostei no lugar denominada vaveira, neste lugar eu vendia sal, querosene, quando descia e quando subia, neste lugar havia uma senhora por nome Maria, que era comerciante do local, ela sempre me pedia para comprar querosene, sal, munição (chumbo e polvora) todas as vezes ela me pedia as notas, o lugar onde eu comprava as mercadorias era no Tibiriçá, comerciante de Marabá, ele me fornecia todas as notas; e os medicamentos era um --farmaceutico também de Marabá, o Srº. Zé Brasil.

Em fevereiro de 1971, dona Maria me chamou para ajustar contas. E continuei a comprar coisas para ela; foi quando nesta época sugiu a Transamazônica, e ela mudou para adiante de São Domingos das Latas, e eu fiquei viajando para o Araguaia, mas estava muito ruim, então passei a viajar para Jatobá; com isso dona Maria ficou me devendo certa quantia em dinheiro.

Certo dia em conversa com o Srº. Alberico ele me disse que o Joca era terrorista, passaram se alguns dias o exército veio e prendeu o Srº. Eduardo e levaram ele para Belém; carreguei o barco com dez toneladas de mercadorias no dia 04 de Abril de 1972, cheguei em Jatobá e fui vendendo no beiradão; foi quando me apareceu o comissário Paulista e me disse, que por ordem do coronel Borges eu estava preso e incomunicável, que eu fosse pegar o dinheiro e meus documentos; então ele me acompanhou até onde estava minhas coisas; foi a partir deste momento que teve o começo o maior drama já vivido por mim.

Fiquei três dias preso em Jatobá, então pedi ao cabo Domingos para me deixar em Marabá, ele aceitou mas disse me que não iria encostar em lugar nenhum e que a viagem iria custar Cr\$:100,00 (Cem cruzeiros), no 4º dia de prisão, nós saímos de Jatobá às 5:00hs da manhã passamos pelo beiradão (Itupiranga) às 6:00hs da tarde e chegamos em Marabá às 11:00hs da noite; então fiz uma carta para minha esposa e mandei pelo Francisco Fiandeira, para ele entregar na Rua Parsondas de Carvalho nº 483 em Marabá. Esperei por ela e ela não apareceu; então o cabo Domingos me chamou para irmos ao tiro de guerra do outro lado do rio Itacaiunas a onde funcionava o posto "Pedro, Cavalcante", então o cabo Domingos entregou todo o meu dinheiro e os meus documentos para o sargento Domingos.

No outro dia pela manhã, o sargento Domingos, foi comigo e dois soldados para o D.N.E.R, então ele disse para um dos soldados:

- Fique com ele aí uns trinta minutos.

Então ele saiu, passou algumas horas aí ele chegou e disse para os soldados que voltassem comigo para trás.

Aqui em Marabá, passei cinco dias preso quando foi no quinto dia, às 6:00hs da tarde, chegou um carro do exercito e nos levou para o aeroporto, comigo iam o Eduardo, o José e um casal que eu não conhecia; colocaram todos nós em um avião, que ~~voou direto para Belém~~ chegando lá levaram nos direto para o quartel Almirante Barroso, quando chegamos lá eles pegaram os nomes de todos os prisioneiros. Então nos levaram para uma cela, entre des eu e o Eduardo; passaram se dez minutos aí eles retornaram e levaram o Eduardo juntamente com os outros presos; eu e o José ficamos.

Se passaram oito dias, então o coronel mandou me chamar para ver algumas fotografias, para ver se eu reconhecia alguém, olhei todas as fotos e não reconheci ninguém; Então o coronel me perguntou quem poderia provar que eu não era terrorista; E eu lhes respondi que era o Srº. Osório Pinheiro e o Clóvis Pinheiro do motor Leão do mar.

Passaram se quinze dias então o coronel me chamou de novo e me disse que eu era um terrorista; então ele mandou me levar de volta para a cela, quando foi no outro dia às 5:00hs da manhã, me chamaram, me algemaram e me levaram para o aeroporto, juntamente com o zé, outro prisioneiro. Quando chegamos no avião tinha mais ~~dois prisioneiros, inclusive uma japonesa que estava também em Marabá.~~ Então o avião decolou; juntamente com cada preso, havia um coronel, quando o avião pousou em Carolina-Ma, eles deceram do avião e foi tomar café e a policia de carolina ficou nos vigiando. Então o avião decolou novamente e desta vez pousou em Brasilia-DF exatamente às 5:00hs da tarde, então eles colocaram um saco de lona na minha cabeça e me jogaram dentro de um carro. Quando chegamos no local determinado, um soldado me pegou pelo braço e me conduziu por uma escada e depois me encostaram em uma parede e mandaram que eu tirasse a roupa toda, então passaram se uns dez minutos e durante este tempo eu só escutava uma xiadeira, então me pegaram pelo braço e eu continuava nú, saíram comigo e quando eu dei por mim já estava numa casa que tinha uma sala e um banheiro. quando foi as 7:00hs da noite chegou a janta. No dia seguinte passou o major Hottano olhando as pressas, quando foi as 7:00hs da noite foi um cabo do exercito e

me colocou um capuz na cabeça e me algemou, então me conduziu a um determinado local, chegando lá tiraram o capuz e me mostraram algumas fotos, então eu reconheci apenas a de dona Maria, aí o major Hottano me disse:

-Amanhã é domingo e não temos conversa, só na segunda-feira.

Então eles só me chamaram na terça-feira, aí chegou um sargento, exatamente às 7:00hs da noite e me colocaram um capuz outra vez e me levaram a um outro lugar, onde colocaram uma cadeira para mim sentar, passaram-se dez minutos. Aí fomos para outro local, quando chegamos lá tinha três coronéis e um major, eles amarraram um negócio nas minhas orelhas que dava choque na minha cabeça, passei uma duas horas rolando pelo chão e o major me batendo do lado direito, então tiraram o saco da minha cabeça e me deram café para mim beber, então o major me mostrou um mapa e me disse que tinha rodagem de Xambioá à Marabá, e eu dizia que não, que só tinha até o Alto Bonito, foi só neste dia que me bateram em Brasília.

Quando foi no outro dia às 5:00hs da manhã, o cabo Henrique me chamou:

- Baiano vamos fazer uma viagem, pegue tudo que é seu.

Então me algemaram e saímos, pegamos um carro do exército, eu e mais dois cabos, fomos para a casa do major Hottano, chegando lá ele saiu fora de sua casa e veio falar comigo, então ele me advertiu.

-Baiano nós vamos viajar para Araguatins, se por acaso você tentar fugir, eu te fuzilo.

Então fomos para o aeroporto, quando chegamos lá eu vi que estava tudo cheio de soldados, sargentos, major, capitães, cabos ..., então o avião decolou para o Porto Nacional, quando chegamos em Porto Nacional o avião deu prego, aí foram concertar, quando foi às 4:00hs da tarde, quando eles terminaram de concertar, aí decolamos novamente direto para Carolina-Ma, chegamos em Carolina às 7:00hs da noite, desceu todo mundo e só ficou eu; então eles me chamaram:

-Baiano desça;

Então eu desci, havia sete soldados que me acompanharam, armados de metralhadora, chegamos na casa onde nós íamos dormir, o cabo Marquês arrumou um lugar para mim dormir e foi logo me dizendo:

- Fique aí se não você morre.

Então eu perguntei.

- Posso ficar sentado na bancada?

Ele respondeu.

-Pode sim.

Então ele colocou um soldado de cara ruim para me vigiar, passaram-se duas horas e veio outro soldado aí amanheceu o dia, tomei café em Carolina, então o avião decolou novamente e desta vez vamos para Xambioá, quando estávamos sobrevoando Xambioá, eu perguntei ao major.

- Cadê a estrada?

E ele me disse

- Parece que não tem.

Então eu disse.

- Eu não lhe falei que não tinha esta estrada

Então o major me chamou e me mostrou a rodagem até o Alto Bonito, então a rodagem desapareceu, aí atravessamos para o Goiás, então tiraram as algemas; então eu perguntei para o cabo Henrique, se eu podia conversar com alguém conhecido, e ele me respondeu que não sabia.

Quando o avião chegou em Araguatins os soldados ficaram tudo de motim para querer atirar no pessoal; então o Major Hottano perguntou para um rapaz quem era o prefeito de Araguatins, então o rapaz respondeu:

- É José Fernandes

Então o major foi pegar uma C-10 para carregar as bagagens dos soldados para a Casa do Bolender na

RECIPÉ
128

na beira do Rio Araguaia, por ultimo foi eu que saí com o 'cabo Henrique, quando saí falei com um rapaz, então o cabo viu eu falando com o rapaz, então ele disse:

-Eu lhe dou um tiro na cara.

Então ele me levou para a delegacia, chegando lá, ele falou para o soldado que eu era um preso incomunicável.

Quando foi meio dia eu chamei o soldado Antonio e lhe disse que eu queria comer; então o soldado me respondeu:

-Então você está preso e quer comer?

Ai ele trouxe um prato de abacate e um copo de água.

Quando foi 5:00hs da tarde chegou o cabo Marquês, me algemou e mandou eu sair para o rumo do coqueiro e mandou me pender para a esquerda, ai entrei na casa do Balerlan, quando cheguei fiquei em pé no meio da casa, ai o sargento Raimundo disse:

-Coloca uma cadeira para ele sentar.

Tiraram as algemas do meu braço e me colocaram abraçado com uma forquilha; ai o sargento Raimundo perguntou se eu era casado e se tinha filhos; então eu lhe respondi que sim.

Então ele me perguntou.

- Você tem vontade de ver sua familia?

Ai eu respondi:

-Se der eu vejo, se não der eu não vejo.

Então o sargento me falou:

-Você vai morrer.

Então passou se algumas horas, e chegou o cabo Henrique; ai eu lhe falei que queria comer.

E ele me respondeu:

-Olha só tem comida fria, banana, doces e ovos.

Passou-se dez minutos, ai chegaram 15 presos; deixaram os presos sentados e saíram, depois chegaram mais tres presos.

Já era noite e o cabo Marquês me falou que eu ia dormir em uma cama; então me levaram e me amarraram com uma corrente no pé, e me disseram:

-Quando chegar algum preso você me diz se é alguma das pessoas procuradas.

Quando foi no outro dia, chegou em Araguatins a minha mulher, então o capitão me falou:

- Amanhã levante às 5:00hs, tome banho e tire a barba, troque de roupa, que sua esposa estará aqui às 8:00hs.

Quando ela chegou às 8:00hs da manhã ela me disse que o Alberico tinha dito que o Joca era terrorista, ela passou meia hora comigo, então pedi a ela que fosse embora.

Então falei para o soldado prender o velho Alberico; dei todas as características do barco dele, então eles foram lá e o prendeu.

Quando eles chegaram com ele preso, então eu perguntei para ele:

- ~~Alberico, o Joca é terrorista?~~

E ele me disse:

- Não.

Passaram se 5 dias ai chegaram uma turma de Goiânia, e eu estava amarrado no sol, quando ele chegaram, um dos sargentos que veio de Goiânia, me perguntou:

-Porquê você está amarrado?

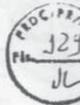
Eu lhe respondi:

-Foi a sorte que me deu, não estou aqui porquê eu quero.

Então o sargento me falou:

-Você está aqui porquê é mandado e não para ser bonito.

No outro dia o capitão falou para mim que iam. -



Chegamos no lugar denominado Limão, do Zeca do Nelito, então eles arrumaram dois burros com o vaqueiro do local.

Continuamos a viagem e fomos dormir no Cedro do velho Nagib Mutran; no outro dia saímos num terrível lameiral, até chegarmos em um lugar chamado Balão, então procuramos um par de botina para comprar para mim, mas só que não tinha; então viajamos e finalmente chegamos no lugar chamado Cigana, lá dormimos; aí o cabo Marquês tirou minhas algemas e fomos tomar banho.

No outro dia saímos para irmos até a ponte de Pedra do velho Nagib Mutran, chegando lá o Antonio Marinho me deu 100 Abade e um metro de fumo para cortar e fazer 20' cigarros.

Aí fomos para um lugar chamado consulta, do -- Pedro Marinho, aí o capitão mandou matar galinha para nós' almoçarmos;

Então fomos para Santa Tereza, do Michel Mous sallém, chegamos 6:00hs da tarde, então jantamos e dormimos; aí o Michel conseguiu 20 burros para nós irmos para a sede' do Carlos Holanda. Quando chegamos em sete barracas, o capitão mandou fazer uma janta e arrumou um curral para nós dormirmos; quando foi 10:00hs da noite, chegou o capitão de Goiânia, chamando o outro capitão que tinha vindo de Brasília para irem pegar os terroristas que estavam em vaveira; aí o capitão que tinha vindo de Brasília falou para o outro -- capitão:

-Faça uma viagem até vaveiras, e pegue todos' os terroristas.

Então quando amanheceu o dia chegou uma Pica-pe do exercito, chamando o capitão para irem até Araguatins, então eu acompanhei o cabo Marquês e fui para Araguatins, viajamos de sete barracas para Araguatins, quando chegamos lá, o major Hottono estava para vaveira, mandando o pessoal sair do Pará para o Goiás, que no outro dia ia haver uma -- guerra no local. O capitão mandou chamar o pessoal que havia ficado em sete barraca, e eles chegaram as 12:00hs da noite, quando foi às 5:00hs descemos todos para vaveira, então às 6:00hs descemos para São Bento, quando chegamos lá, havia em cima da ponte um homem e um menino; então eles me perguntaram se o homem em cima da ponte era o Paulista, e eu lhes respondi que não. Então foi nessa hora que o Barco bateu a proa no chão, e o soldado que estava ao meu lado -- desapareceu, aí eu corri para a estrada, quando o capitão chegou na porta da casa, eu cheguei junto com ele; então fomos para a casa do Eduardo (ex-prisioneiro) chegando lá não havíamos mais o homem, que antes havíamos vistos, então -- eles saíram procurando e logo o acharam e o trouxeram ele e o menino; o menino estava chorando muito. Se passou bastante tempo, então eles os liberaram.

Então voltamos para Araguatins outra vez, então neste dia a minha esposa saiu de Marabá para Araguatins quando ela estava no meio da viagem, o carro em que ela viajava virou e ela sofreu um golpe na cabeça, essa notícia -- chegou até a mim através do Prefeito. Quando o capitão soube o que tinha acontecido, ele me deu dinheiro pra mandar fazer curativo na cabeça da minha esposa, quando cheguei -- até ela, ela já se encontrava no pronto socorro, fazendo os curativos.

No dia seguinte fiquei esperando até as 14:0 Ohs, para prestar outro depoimento para o major Hottono, -- quando tudo terminou então ele me disse que eu era inocente.

Depois de tudo comprovado, eles queriam que eu voltasse até Brasília, para apanhar o meu relógio e a -- indenização pelo tempo que eu passei preso. Então lhes respondi:

-Eu não quero ir, só se for obrigado, vocês' podem mandar meu relógio pelo correio e o dinheiro pelo Banco.

Então lhes dei o meu endereço completo.
O major Hottono me liberou em Araguatins no

PROCI/PAI
Fls. 130
ul

Senhores Procuradores Federais:

Permitam-me apresentar-me: sou um ex-sargento, que inclusive trabalhou com um conhecido dos senhores, o Santa Cruz. Deram minha baixa há vários anos. Hoje sou um pai de família respeitado, formado na faculdade, que infelizmente mantém o anonimato, para a minha segurança e de minha família.

Tudo isso porque fui um dos instrumentos utilizados pelo Exército para combater a guerrilha. Na época, este jovem soldado, conhecedor da região, afinal morava em São Geraldo, servi de guia e também combati os guerrilheiros. Presenciei a morte do Cabo Rosas, que fora tomar banho e foi morto por uma patrulha da guerrilha. A partir daí, tomei ódio pelo pessoal do PC do B. Por isso participei do extermínio e da operação limpeza sem nenhum remorso. Fazia por convicção de estar defendendo a Pátria e vingando meus amigos.

Só fui entender o que aconteceu muitos anos depois nas aulas de Filosofia e História do Colegial e da Faculdade. Não que justifique o que fizemos, mas é no que me apoio para consolar-me e tentar dormir. E também não é justo que só o Sta Cruz pague por isso. Todos que comandavam a ação também devem explicar-se e serem julgados, como eu ele era só um instrumento.

Tudo isso foi relatado no livro do Cel Aviador Cabral (Xambioá) e é verídico. Quando a "Veja" trouxe o Cel para o reconhecimento do local, ele alegou não lembrar, mas na realidade o Exército já tinha retirado as ossadas daquele local, há muitos anos, por isso não foi encontrado nada.

Quase um ano depois da "Operação Limpeza", na qual os corpos foram transportados para a Serra das Andorinhas, depois do extermínio, o Exército desenterrou as ossadas e trouxe para uma área mais próxima de seus quartéis. Assim podiam vigiar e controlar o acesso.

Essa área, posteriormente, foi intitulada área de instrução, hoje Base de Selva Cabo Rosas. Digo isso por que eu mesmo enterrei vários sacos.

Vamos racionar um pouco. Para que o Exército, que na região possui apenas uma unidade operacional (o 52º BIS) com cerca de 500 homens, precisa de uma área com aquela extensão para adestrar seus homens? Verifiquem e concluirão. Atrás do 52º BIS já existe uma Base de Selva, na qual são feitos todos os exercícios dos soldados. Para que uma tão grande e tão distante do quartel?

Notem a periodicidade com que o Exército faz exercícios na área da base cabo rosas: uma, quando muito duas vezes ao ano. Isto somente para justificar a posse da área. Para o Exército, da mesma forma que aquelas casas onde funcionava o Grupo de Inteligência, nunca iriam sofrer nenhuma ação da Justiça, a Base de Selva também não sofrerá. Em 30 minutos o batalhão inteiro se deslocaria para lá e prenderia quem quer que seja.

Graças a uma ação rápida, astuta e inteligente dessa equipe de Procuradores, juntamente com a Polícia Federal, os senhores conseguiram pegar os documentos do Grupo de Inteligência. Mas devem concordar comigo, que se eles tivessem levado soldados para o local a tempo, os documentos ainda estariam mantidos sob o manto do Exército. Pois certamente os senhores não dariam conta de uma Companhia (cerca de 120 homens) e os papéis seriam tomados à força e guardados em cofres ou provavelmente queimados, como os arquivos da guerrilha.

Tenho certeza, que os senhores também não encontraram nada relativo à guerrilha em lugar algum. Vou dizer porque: foi tudo queimado. Só restam alguns papéis extra oficiais que ficaram de posse dos participantes das operações, que guardaram contrariando ordens de que tudo deveria ir para a 2ª Seção. Por isso eu, bem como o Santa Cruz e alguns outros, possuímos alguma coisa, que também não é muito comprometedor. O resto está

PROCURADOR
FEDERAL
230
M

dentro de nossas mentes, bem como os fantasmas que me atormentam. Mas o que tenho e o que sei passo agora para os senhores.

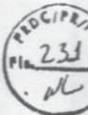
Com o intuito de colaborar com a democracia e com esta equipe que fez um trabalho corajoso e brilhante, vou passar-lhes algumas informações:

A Base de Selva, podem investigar discretamente que comprovarão, possui apenas um caseiro, que é militar. Este caseiro mora na entrada da base, que tem uma área enorme. A Fazenda Landi é vizinha a Base. Pelos fundos pode-se entrar lá sem problema. Muitos moradores o fazem para apanho de cupú e castanhas, sem serem autorizados pelo Exército, que prefere que os frutos se estraguem à alimentar a população. Então, levando o material necessário, os senhores terão acesso ao "elo perdido", à prova que tanto procuram, as ossadas dos guerrilheiros.

Quando fizemos o serviço, entramos pela frente e após a primeira ponte andamos exatos dois quilômetros e a partir daí pegamos o azimute 270° (para a esquerda) e andamos mais um quilometro. Fácil gravar: como disse o tenente dois para frente e um pro lado esquerdo.

Eu fui marcando a trilha. Mas é fácil, qualquer um que use a bússola consegue. Após vários anos, tendo em vista que a floresta se recupera rapidamente, não há nenhum vestígio. Foram feitos buracos de mais ou menos um metro e meio e foram enterrados os sacos. Não há marcação nenhuma. É pra ninguém achar nunca mais, como disse o tenente, só os tatus, mas tatu não fala.

Faço isso para poder, encostar a cabeça no travesseiro e dormir tranquilo. Espero que o cheiro fétido dos corpos queimando, e das ossadas desapareçam. Espero que os fantasmas que atormentam meus sonhos me deixem em paz. Agora podem parar de gritar e agonizar noite, após noite, pois estou fazendo minha parte. Os senhores perdoem este homem que não pode se identificar e que após muitos anos de tormenta, tenta redimir-se de seus pecados para tentar encontrar a paz.



--- VULVA DE ANDRAOG - (INFORMANTE)



- Sufo prestado em 13.07.73
- Os guerrilheiros, no dia 18, saíram em Bom Jesus (Festa do Divino Esp Santo)
- Eram 25 homens armados.
- Chefiados por PIAVI e ZÉ CARLOS.
- Fizeram discurso lamentando a situação das colônias e disseram que estão quase libertos. Que pretendem acabar com o regime de governo atual.

Que o INARA age ilicitamente com as terras, pois elas pertencem ao povo.

Disseram ao povo de Bom Jesus que evitassem andar em carro do ZÉ PIAVI, pois onde eucaressem o pet veículo fariam fogo.

Pagamentaram pelo informante dele, pelo EDITE e pelo ANTONIO EACHAÇA.

Em 13 jul 73

[Handwritten signature]

GRUPO TERRORISTA (LOCALIZAÇÃO)**DST/MARABÁ**

- a) São constantes os informes que chegam a esta AI sôbre a presença de guerrilheiro na região de Faz Saranzal e Palestina.
- b) O Sr Pedrinho (Porto da Palestina) informou que o Osvaldão / afirmou que dispõe de 35 (trinta e cinco) homens. Porém segundo os informes que chegam daquela região, é sempre visto um grupo de (7) sete.
- c) Há indícios de que um indivíduo de nome Omar, residente no / Saranzal seja elemento de ligação e apoio de subversivo. Houve também informe de que seu irmão, alcunhado de "JOSE - / GRANDE", foi guia das tropas do 2º BDI e que a conduziu para local diferente de onde estavam os subversivos.

X X X X X X X X X X X X X X X X

(ELA)

Informe.
Declaração.

PROG/PRA
Fl. 237
NL

Informante: Sr Francisco Alves dos Santos, conhecido como "Chico Vitorino" com 31 anos, filho de Vitorino Neves Alves de Oliveira e Maria Alves dos Santos, nascido em Ananias Estado de Goiás. Atualmente residente em Santa Leônia do Para, a cavaleiro da OP-2 (Estrada do FUGRA) informou que: por volta das dez horas do dia 10 Out 74 estando na fazenda do Sr. Carlos Holanda, descansando em uma benfiteira apareceu uma mulher trajando bermudas, camisa de homem ^{mas} amarrada, sandália, cabelo amarrado e com um revolver na mão. A mulher perguntou que lugar era aquele, o que foi respondido. Perguntou se a gruta seca era uma que indicava e também se a estrada era a OP-2. Obteve respostas positivas, perguntando que direção estava São Raimundo. Tudo respondido pediu uma caixa de fósforo. Depois o Chico Pauleira (que estava com o informante) pediu a mulher que o deixasse ver o revolver. Tentando apará-lo, a mulher levantou o revolver dizendo que não se sabia onde era direção da OP-2. Após isso o informante e ~~o informante~~ ^{o informante} reconheceram nela a Valquíria, que já tinha sido vista por Chico Vitorino em agosto de 73. Nesse dia ela estava com todo o grupo. O informante declara que tudo isso durou 15 minutos. Chico Vitorino pediu a Chico Pauleira que avisasse a Jacó. Por sua vez este avisou Tomar, filho do Saimundo Golego. Chegando Jacó e Tomar eles foram caçar rastros. Não conseguiram muita coisa. Perguntado sobre a aparência de Valquíria, disse que está mancando, amarela e bastante magra. Embora manca, saiu em "carreira". ~~Não~~ Reconheceu nas fotografias ~~mas~~ ^e disse que era dentuça, característica de Valquíria. E como mais nada disse e não lhe foi perguntado deu em encerrada em informações que foi assinado por ~~mas~~ pelo informante.



JOSÉ HUMBERTO BRONCA
JOSÉ DAS NEVES E JOSÉ
FOGOIÓ



AMAURI DE AZEVEDO SIQUEI-
RA "AMAURI"



JOSÉ DUARTE DOS SANTOS

239
ML



JOSÉ GENUINO NETO
"GERALDO"



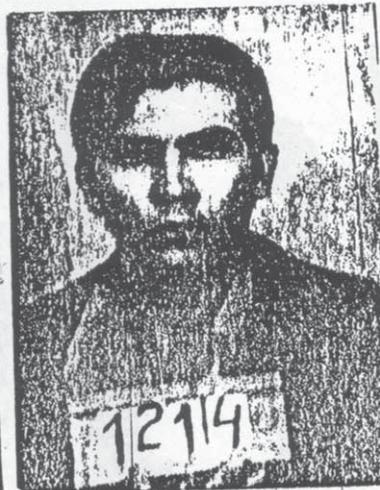
JOÃO AMAZONAS DE SOUZA
PEDROSA "CID" OU "ALCI-
DES"



OSEIAS DUARTE DE OLIVEI-
RA



OSWALDO ORLANDO DA
COSTA "OSWALDO"



BERGSON GURJÃO FARIAS
"JORGE"



DOWER MORAIS CAVALCANTE
"DOMINGOS"



JOÃO CARLOS HAAS SOBRI-
NHO "JUCA"



JOSÉ DUARTE PELEGRINI



ARYLDO VALADÃO "ARY"

RECIFE
n. 290
M



D.ª MULHER DE JOÃO GOI-
ANO



GILBERTA AARÃO REI^S
(MÁRIA)

PROCURADOS



JANE VANINE CAPOZZI



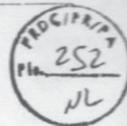
LUCIA MARIA DE SOUZA MA-



DINALVA CONCEIÇÃO OLIVEI-
RA "DINA"



MARIA JOSÉ CARVALHO NA-
HAS "MÁRIA"



voltaram até a sua propriedade e mandaram que ela abandonasse sua casa, deixando tudo para trás; QUE atiravam pelo terreiro matando suas criações; QUE a culpavam de ter fornecido mantimentos para os guerrilheiros; QUE tinha roça, criação, utensílios de casa, etc.; QUE perdeu tudo o que tinha, passando muitas dificuldades para criar seus filhos; QUE saiu de sua casa só com a roupa do corpo; QUE não presenciou nenhum guerrilheiro sendo morto; QUE quando foi tirar sua Carteira de Identidade na Bacaba, viu muitas pessoas presas, inclusive nesse dia (10.01.74) viu a ROSINHA chegando presa. Como nada mais declarou, encerrei este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, *[Handwritten Signature]* Joanice Corrêa Pacheco Garcia, Chefe do Setor de Controle Processual, que o digitei

Alta Gomes de Araujo

Declarante: ALTA GOMES DE ARAUJO x

- Servidores do MPF:
- Antônio de Pádua Araújo de Menezes *[Handwritten Signature]*
 - Luciene Pereira Costa *[Handwritten Signature]*



SERGIO CAPOZZI-1917



ALUIZIO NEURES FERREIRA
FILHO



FLAVIO AUGUSTO NEVES L.
DE SALES



CARLOS NICOLAN DANIEL
"DANIELI"



- 5568 -
JOAO CARLOS CAMPOS
(WENESKI)



CIRO FLAVIO SALAZAR DE
OLIVEIRA "GILBERTO"

PROG. 241
Fl. JL



JOSÉ DUARTE
ZÉ FRANCISCO OU MAURO



OTAVIO ANGELO



ANTONIO GUILHERME RIBEIRO
TO RIBAS GORDO OU ZÉ FERREIRA



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
 Procuradoria da República no Município de Marabá

TERMO DE DECLARAÇÃO

Aos trinta dias do mês de julho do ano de dois e um, compareceu à sede desta Procuradoria da República no Município de Marabá, Estado do Pará, à Avenida Tocantins, n.º 678, Bairro do Novo Horizonte, Marabá/PA, o senhor **LEONTINO DIAS COSTA**, brasileiro, casado, lavrador, natural de Araguatins/TO, filho de Nelson Dias Costa e Antonia Pereira Marinho, portador da Carteira de Identidade R. G. n.º 4320717 – SSP/PA, residente e domiciliado na Fôlha 15, Quadra 3, lote 18, Bairro Nova Marabá/PA, nesta cidade e, espontaneamente, perante o Procurador da República Dr. BRASILINO PEREIRA DOS SANTOS, **DECLAROU: QUE** veio para o Estado do Pará, na localidade de Viração, próximo à Palestina, em 1968, **QUE** naquela época morava com ele o menor MANOEL PEREIRA MARINHO, filho de sua irmã de nome MARIA PEREIRA MARINHO, falecida em 1968; **QUE**, na época da Guerrilha do Araguaia, final de 1972, seu sobrinho, iludido, passou a caminhar com os guerrilheiros pela mata; **QUE** lembra que seu sobrinho andava com duas mulheres mas não soube informar os nomes delas; **QUE** o único guerrilheiro que conheceu foi o OSVALDÃO; **QUE** seu sobrinho ficou com os guerrilheiros por cerca de 6(seis) meses e com medo de morrer, fugiu dos guerrilheiros e chegou até à casa do Sr. **LUIS MARINHEIRO**, que era guia do Exército; **QUE** LUIS MARINHEIRO entregou seu sobrinho para o Exército; **QUE** LUIS MARINHEIRO mora em Marabá, na Folha 6, Bairro de Nova Marabá; **QUE** a última vez que viu o seu sobrinho foi quando ele saiu para o mato com os guerrilheiros; **QUE** logo depois que seu sobrinho foi entregue para o Exército, foi visto carregando água no acampamento da Bacaba; **QUE** desde então não teve mais qualquer notícia sobre o seu sobrinho; **QUE** nessa época, logo após o ocorrido se mudou para Marabá. **QUE** nunca procurou o Exército para obter informações sobre o que aconteceu com o seu sobrinho, porque ninguém podia falar sobre o assunto; **QUE** também nunca foi procurado pelo Exército. Nada mais tendo a declarar, e nem lhe foi perguntado pelo que é encerrado o presente termo que lido e achado conforme vai por todos assinado. Eu *[assinatura]* (Joanice Corrêa Pacheco Garcia) Técnico Administrativo, o digitei.

Procurador: *Brasilino Pereira dos Santos*
 Procurador Regional da República

Declarante:

Leontino Dias Costa

Visto.
Encaminhe-se ao
Dr. Procurador-Chefe,
em Belém, para
deliberação.
[assinatura]
 Brasilino Pereira dos Santos
 Procurador Regional da República



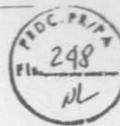
MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Município de Marabá

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: ELIZABETE MESSIAS DE SOUZA

Aos dois dias do mês de agosto do ano dois mil e um, na sede da Procuradoria da República em Marabá, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, a Sr^a. **ELIZABETE MESSIAS DE SOUZA**, brasileira, casada, doméstica, filha de Luis José de Assunção e Maria Dias Messias, nascida em 10.04.71, natural de São Domingos do Araguaia/PA, portadora da CI 3196630 SSP/PA, residente e domiciliada na Rua Folha 22, Quadra 17, Lote 13-A, Bairro Nova Marabá, Marabá/PA e, por ordem dos Exmos. Srs. Procuradores da República Dr. UBIRATAN CAZETTA, Dr. FELÍCIO PONTES JR., Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB e Dr. MARLON ALBERTO WEICHERT, na presença dos servidores desta Procuradoria da República, abaixo assinados, colhi as seguintes declarações: QUE nasceu no ano de 1971; QUE ficou órfã de pai quando ainda era bebê; QUE foi criada por LUIS JOSÉ DE ASSUNÇÃO e MARIA DIAS MESSIAS que, inclusive, lhe registram como filha; QUE sua mãe de criação lhe contou que seu pai natural, PEDRO MATIAS, foi morto pelo Exército na época da Guerrilha do Araguaia; QUE sua mãe natural de nome ANTÔNIA foi presa e torturada naquela época, vindo a ficar louca, QUE sua mãe ainda é viva e mora na localidade do Açaizal, Município de São Domingos do Araguaia/PA; QUE seu pai foi enterrado na localidade denominada Açaizal; QUE quem enterrou o seu pai foi o Sr. ALBERTINO; QUE o Sr. ALBERTINO sabe indicar o local da sepultura de seu pai; QUE sua família na época da Guerrilha foi toda dividida; QUE eram três irmãos e todos foram criados por outras pessoas, que ficaram com pena deles; QUE seus pais de criação sabem muito sobre a Guerrilha do Araguaia, que chegaram a ver muitas pessoas mortas e torturadas; QUE sua mãe de criação mora próximo a Altamira/PA, no povoado de Pacajá; QUE gostaria que sua mãe natural fosse indenizada pelos danos que sofreu e pela morte de seu pai, para que pudesse ser submetida a um tratamento e ter uma vida digna. Como nada mais declarou, encerrei este termo, que após lido e

Elizabete messias de Souza



achado, vai assinado. Eu, *[Signature]* Joanice Corrêa Pacheco Garcia, Chefe do Setor de Controle Processual, que o digitei. //

Elizabete Messias de Souza

Declarante: ELIZABETE MESSIAS DE SOUZA

Servidores do MPF:

- Sandro Damião Vasconcelos de Barros
- Luciene Pereira Costa *Luciene Pereira Costa*

[Signature]



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Município de Marabá

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: ANA LUIZA MARTINS RODRIGUES

Aos dois dias do mês de agosto do ano dois mil e um, na sede da Procuradoria da República em Marabá, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, a Sr^a. **ANA LUIZA MARTINS RODRIGUES**, brasileira, solteira, doméstica, filha de Oneide Martins Rodrigues, nascida em 17.03.61, natural de Marabá-PA, portadora da CI 6.211 SSP/TO, residente e domiciliada na Rua João Ramalho, 1777, Setor Campinas, Colônias/TO e, por ordem dos Exmos. Srs. Procuradores da República. Dr. UBIRATAN CAZETTA, FELÍCIO PONTES JR., GUILHERME ZANINA SCHEL B e MARLON ALBERTO WEICHERT, na presença dos servidores desta Procuradoria da República, abaixo assinados, colhi as seguintes declarações: QUE no ano de 1972 a declarante morava, em propriedade da família, juntamente com sua família na localidade chamada Caçador, Município de São João do Araguaia/PA; QUE conhecia os guerrilheiros JOSÉ CARLOS, ROSINHA, FÁTIMA, WALDIR e outros que não lembra o nome; QUE seu pai de nome ANTÔNIO ALFREDO seguiu para a mata em companhia dos guerrilheiros, deixando em sua casa apenas a declarante, sua mãe, seu irmão e uma sobrinha; QUE em um determinado dia, naquele mesmo ano, ao chegarem da roça encontraram a casa invadida por policiais do exército; QUE os policiais, entre os quais o CURIÓ por diversas vezes indagaram à declarante sobre o paradeiro de seu pai, ameaçando-a com uma arma, dizendo ainda que se apertasse o gatilho ela ficaria igual a uma peneira; QUE, embora a declarante soubesse do paradeiro de seu pai não informou aos policiais; QUE no dia seguinte os policiais seguiram para a Bacaba levando junto a declarante, sua mãe e sua sobrinha de nome EDNA; QUE só o seu irmão escapou, porque antes da chegada dos militares ele tinha saído para buscar água; QUE quando chegaram na Bacaba a declarante e sua sobrinha foram mandadas para Marabá, em companhia de um soldado do Exército e sua mãe ficou na Bacaba; QUE chegando em Marabá foram encaminhadas para a casa de um pastor, que não soube declinar o nome, da Igreja Assembléia de Deus; QUE permaneceu na casa do pastor por cerca de 30 dias, quando sua irmã chegou de

Analuiza martins Rodrigues



viagem e foi lhe apanhar; QUE durante sua permanência na casa do pastor não sofreu maus tratos, porém não podia ir nem na porta da rua; QUE durante cerca de 7(sete) meses não soube nenhuma notícia de sua mãe e nem de seu pai; QUE perderam tudo o que tinham, saíram de casa só com a roupa do corpo; QUE ao final desse período veio para Marabá encontrar com sua mãe que já havia sido solta; QUE sua mãe falou que só foi solta depois que o Exército matou o seu pai; QUE sua mãe ainda é viva e reside em Colônias/TO, mas está muito doente e nem reconhece direito as pessoas; QUE não sabe o nome da pessoa que matou o seu pai; QUE o corpo de seu pai nunca foi encontrado; QUE ouviu falar que o corpo de seu pai foi enterrado próximo a localidade de onde moravam, ou seja na região do Caçador; QUE, inclusive, no começo do ano 2000 a declarante esteve na localidade, mas que a região está muito diferente. QUE gostaria muito de encontrar os restos mortais de seu pai. Como nada mais, declarou, encerrei este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, Joânica Corrêa Pacheco Garcia, Chefe do Setor de Controle Processual, que o digitei

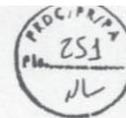
Ana Luiza Martins Rodrigues

Declarante: ANA LUIZA MARTINS RODRIGUES

Servidores do MPF:

- Sandro Damião Vasconcelos de Barros
- Luciene Pereira Costa

Sandro Damião Vasconcelos de Barros
Luciene Pereira Costa



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria da República no Município de Marabá

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: ALTA GOMES DE ARAUJO

Aos quatorze dias do mês de agosto do ano dois mil e um, na sede da Procuradoria da República em Marabá, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, a Srª. **ALTA GOMES DE ARAUJO**, brasileira, viúva, do lar, filha de Antonio B. Gomes e Leocádia Gomes, nascida em 2.11.1928, natural de Barra do Corda/MA, portadora da CI 28.762 SSP/PA, residente e domiciliada na Rua 15 de Novembro, no Município de São Domingos do Araguaia/PA e, por ordem dos Exmos. Srs. Procuradores da República Dr. UBIRATAN CAZETTA, Dr. FELÍCIO PONTES JR., Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB e Dr. MARLON ALBERTO WEICHERT, na presença dos servidores desta Procuradoria da República, abaixo assinados, DECLAROU: QUE veio para Marabá/PA, no ano de 1947; QUE no ano de 1949 se mudou para a localidade de São Domingos das Latas, hoje Município de São Domingos do Araguaia/PA; QUE na época da Guerrilha do Araguaia era casada com o Sr. **RAIMUNDO NONATO DE ARAUJO** e moravam, juntamente com três filhos de criação, em terra de propriedade do casal na localidade de São José; QUE conheceu diversos guerrilheiros, entre os quais ZÉ CARLOS, SÔNIA, FÁTIMA; QUE muitas vezes serviram os guerrilheiros, emprestando sal, farinha ou até mesmo vendendo fumo; QUE um dia, no ano de 1972 (num sábado, pela manhã), seu marido tinha saído para Marabá, para comprar mantimentos, chegaram em sua casa cerca de 10 soldados, comandados por uma pessoa de nome AMORIM e alegando que estavam com fome obrigaram-na fazer comida para eles; QUE após se alimentarem foram embora; QUE dessa viagem que seu marido fez para Marabá, retornou só o cadáver; QUE soube que seu marido foi espancado e abandonado na estrada, sendo levado até São Domingos, em seguida devido o seu estado de saúde foi trazido para Marabá pelo Sr. de nome JACÓ; QUE não resistiu aos ferimentos vindo a falecer no Hospital; QUE o corpo de seu marido foi levado pelo Sr. MARINHO de volta para São Domingos, onde foi enterrado com a ajuda de familiares e conhecidos; QUE após uns três dias que seu marido tinha desaparecido, os militares

Alta, de Araújo